COLLECÇÃO

DE ALGUNS

Manuscriptos,

CURIOSOS DO

Exmo. Bispo d'Elvas,

DEPOIS

INQUISIDOR GERAL,

Dos quaes posto que já se ténham publicado alguns no Periodico denominado

O Investigador Portuguez,

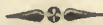
Nos Nos. do mez de Fevereiro de 1812 pag. 554 até 557; e no de Setembro de 1815 pag. 313 até 322; outro no Periodico denominado

MNEMOZINE LUZITANA,

Nos Nos. 13, 15, 16, 17, *e* 18; *pag.* 201, 241, 257, 273, *e* 289; *com tudo fôram sem nome do Authôr; outros que ainda se conservavam manuscriptos se vão agora fazer publicos pelo meio da imprensa.*

LONDRES:
IMPRESSOR POR L. THOMPSON,
19, *GREAT ST. HELENS.*

1819.

COPIA.

Da Ordenação liv. 3. tt°. 85, cuja letra he na forma seguinte—Que não dém Cartas de Justiça por informacões, salvo por instrumento de aggravo, ou Cartas testemunhaveis.

MANDAMOS a todos os nossos Desembargadores, Corregedores, e a todos os outros Julgadores assi da Justiça, como da Fazenda, que somente por petições, ou informações não pássem Cartas algumas, e quando as partes requererem taes Cartas, mandem-lhes que tragão instrumento de aggravo, ou Cartas testemunhaveis com resposta do Julgador, de que se aggravarem, e das partes a que o negocio pertencer, se a resposta das partes fôr necessaria para decisão dos taes aggravos, demaneira que por esses instrumentos, ou Cartas testemunhaveis possão os Desembargadores, que delles houverem de conhecer, têr bastante conhecimento da cousa, sobre que fôr a contenda, e possão dar despacho, segundo acharem por direito.

1. E isto não haverá lugar nas Cartas para manter em pósse, ou para restituir á pósse algum,

que della diga sêr esbulhado, porque as taes Cartas, posto que as partes as peção por simples petição, mandamos que se dém pelos Desembargadores do Paço, como sempre se costumou fazer.

2. Nem haverá lugar nas Cartas de mercê e graça, que se daõ por estilo da Côrte em forma, assi como Cartas de legitimação, perfilhamentos, confirmação de doações, e dos Juizes elleitos nas Cidades, e Villas de nossos Reynos, de restituição de fama aos que fôrem infamados, e outras semilhantes Cartas graciosas, em que se não requeira resposta de alguns Juizes, nem chamamento de outra parte. Porque estes taes, que são de voluntaria jurisdicção, se podem, e hão-de dar geralmente por Nós, e por nossos Officiaes, segundo o poder que a cada hum têmos dado com seu Officio, sem resposta do Corregedor, nem Juiz, nem parte contraria, como até aqui se costumárão sempre dar—

Analyse á dita Ordenação. Meu bom Amigo. Vejo que me dizeis, que se tém estabelecido na pratica concederem-se Cartas Tuitivas pelos Desembargadores do Paço, sem ouvir os Juizes, contra os quaes se queixam as Partes; e que este fôra sempre o costume deduzido da Ord. liv. 3. tt°. 85.

Confesso-vos que he a primeira vêz que oiço semilhante absurdo, pois que nunca me veio á imaginação,

que de tal ordenação se podesse tirar semilhante consequencia; primeiramente se deve advirtir que a dita Ordenação não foi feita para regular o modo, e o como se devem conceder as Cartas Tuitivas, só sim para determinar, que os Julgadores da justiça e Fazenda não conheção por sós, ou simplices petições e informações, mas sim por processos, e autos legaes, pelos quaes conste da verdade, ou da justiça das Partes litigantes, e quando a dita Ordenação disse, que só os Desembargadores do Paço possam conhecer por petições e informações, sem depender de autos, e processos contenciosos, não disse, nem quiz dizer, que os Desembargadores do Paço podessem resolver os negocios da sua competencia arbitrariamente sem ouvir as Partes interessadas, nem os Juizes dos quaes ellas sequeixão : eu passo a analysar a dita Ord. liv. 3 tt°. 85.

Tres são as naturezas de causas de que trata ésta Ord; humas são de rigorosa justiça, outras são mixtas, compostas parte de Justiça e parte de graça; outras são de méra graça e mercê; e são duas as qualidades de Juizes, que devem julgar estas causas.

As de méra graça e mercê são as que só dependem da simples vontade do Soberano Legislador nos casos em que póde conceder, ou negar uma graça, sem offensa do direito de 3°.; cujas causas só podem sêr julgadas pelos Desembargadores do Paço; taes

são as causas, e os Juizes, de que trata a dita Ord. liv. 3. ttº. 85. no § 2.

As causas de rigorosa justiça não dévem sêr julgadas por simplices petições, e informações extrajudiciaes, mas sim por processos legaes, por instrumentos de aggravos, ou Cartas testemunhaveis, com resposta do Julgador de que se aggravar, e das partes a que o negocio pertencer, se a resposta das partes fôr necessaria para a decisão de taes negocios; taes são as causas de rigorosa justiça, e que só dévem sêr julgadas, e decididas pelos Juizes de rigorosa justiça, quaes são os Desembargadores da Casa da Supplicação, e os de que falla a dita Ord. liv. 3, ttº. 85. no pr. Note-se, que, conforme a dita Ord., a resposta do Juiz, de que a Parte, ou as Partes se queixam he sempre necessaria, e indispensavel, e que só a resposta da Parte, ou das Partes he indispensavel, se pelos autos ou processos estiver bastantemente sabida a verdade; e isto he o que se está praticando todos os dias nos aggravos chamados de petição, ou de instrumento.

As causas que constão parte de justiça, e parte de graça se dizem mixtas; taes são as Cartas chamadas Tuitivas de metter em pósse, ou para restituir a algum que della diga sêr esbulhado, de que falla a dita Ord. liv. 3. ttº. 85. no §. 1., e devem ser tratadas perante os Ministros de graça, quaes são os Desembargadores do Paço; o que assim sempre se

costumou fazer, como diz a dita Ord. liv. 3. tt°. 85, no fim do §. 1; por que em taes Cartas sempre se contém alguma cousa de graça, como depois mostrarei.

Isto mesmo se collige da Carta Régia de 20 de Agosto de 1628, registada no Liv. 9. da Relação a fol. 180 Vers., da qual consta, que tendo subido á presença do Soberano uma dúvida arespeito da jurisdicção entre os Desembargadores do Paco, e os da Casa da Supplicação, sobre quaes deverião sêr os Juizes nas causas mixtas, compostas parte de justiça eparte de graça, resolveu o Soberano, que fôssem os Desembargadores do Paço; e que nas causas de rigorosa justiça, em que se tratassem os negocios contenciosamente, fôssem Juizes os da Casa da supplicação, ainda que sobre Provisões passadas, e assignadas pelo Desembargo do Paço, e pelo Rey: Veja-se a copia da dita Carta Régia no Repertor. tom. 1. na Nota ás palavras—Cartas impetradas d'El-Rey com falsa informação—

Disse que as Cartas chamadas Tuitivas de metter em pósse, ou para restituir a algum que della se diga esbulhado, são compostas parte de justiça, e parte de graça; porque, tendo o Legislador estabelecido, por huma regra geral na Ord. Liv .3. tt° 48, a forma, o modo, e o como os Juizes de rigorosa justiça deverião processar, e decidir as causas dos que se dizem expoliados, ou esbulhados;

quando pela Ord. liv. 2. tt° 10 concedeu aos Excommungados appellantes para Roma o poderem requerer por petição aos Desembargadores do Paço, lhes fêz certamente huma grande graça, e mercê, não só em os livrar das demoras, e delongas indispensaveis dos Juizes de rigorosa justiça, mas tambem em lhes conceder, que as suas petições fôssem decididas pelos Desembargadores do Paço em uma só Instancia, sem appellação; visto que ainda nos casos, em que he concedido aos Juizes de rigorosa justiça procederem summarisimamente nas causas dos que se dizem esbulhados, não deixão com tudo de haver casos, em que seja permittida a appellação, como diz a dita Ord. liv. 3. tt° 48. §. 3.

Sendo pois a dita Ord. liv. 2. tt° 10. concedida aos Excommungados appellantes pará Roma uma excepção da regra geral, estabelecida pela dito Ord. liv. 3. tt° 48. arespeito dos que se dizem esbulhados, he de absoluta necessidade, que as Cartas Tuitivas, exceptuadas por graça especial arespeito dos Excommungados appellantes para Roma, só se concedam nos rigorosos têrmos da dita Ord. liv. 2. tt°. 10., a qual expressamente manda, no §. 1., que sêja ouvida a parte interessada, e o Julgador que lhe denegou a appellação; e pelo Regimento dos Desembargadores do Paço no §. 116 está determinada a forma, o modo, e o como se deveráõ conceder, ou negar taes Cartas Tuitivas; e quando a Ley prescréve a forma, o modo, e o como qualquer acto se

deve fazer, o acto feito sem a dita forma, he por sua natureza illegal, nullo, e de nenhum effeito, como sabe qualquer Principiante da Instituta.

Nestes têrmos fica juridica, e evidentemente demonstrado, que a dita Ord. liv. 3. ttº. 85., quando disse no fim do § 1—mandamos que as Cartas de manter em pósse se dém pelos Desembargadores do Paço, como sempre se costumou fazer—não disse, nem quiz que os Desembargadores do Paço podessem concedir taes Cartas, sem ouvir os Juizes de que as Partes se queixão, só sim disse, e quiz dizer, que taes Cartas Tuitivas se deverião dar, não pelos Desembargadores da Casa da Supplicação, mas sim pelos Desembargadores do Paço, como sempre se costumou fazer; de sorte que as palavras—como sempre costumou fazer—não recáhem sobre a forma, o modo, e o como se devem mandar passar, ou negar taes Cartas; mas sim sobre a qualidade dos Juizes, que as devem mandar passar, ou negar.

Eisaqui as razões porque acima disse, que nunca me veio á imaginação que da dita Ord. liv. 3 ttº: 85. se podesse tirar a absurda consequencia, que os Desembargadores do Paço podem mandar passar Cartas Tuitivas sem ouvir os Juizes das causas, nem as Partes interessadas.

De V. Sª.

Muito Venerador, e Amigo.

D. Joze Bispo d'Elvas.

COPIA.

Das Cartas, que o Ex^{mo}. Bispo d'Elvas escrèveu aos Ex^{mos}-Generaes Inglezes, que mais contribuirão para a Restauração de Portugal, &^{a}. anno de 1811.

Ill^{mo}. e Ex^{mo} Senhor.

DE que podem servir as minhas palavras para a gloria de V. Ex^{cia}, cujo Nome tem enchido o Mundo de pasmo, e admiração? Mas V. Ex^{cia}. sabe, que he um dever de gratidão, e de justiça confessar o beneficio recebido, e dar graças ao Bemfeitor: eu seria ingrato, eu seria injusto, se faltasse a deveres tão sagrados.

V. Ex^{cia}. arrancou Portugal das garras do Monstro, que se propunha a devora-lo: eu sou Portuguez, e uma grande parte de Portugal são meus Filhos em Jezus-Christo; que maiores motivos para a confissão publica do meu agradecimento para com V. Ex^{cia}?

A maior gloria do General não consiste na simples victoria; ésta he muitas vezes devida á fraqueza, á falta, ou á ignorancia do vencido; ou ás in-

trigas, e á perfidia do Vencedor: as victorias de V. Excia. tem sido o resultado das mais sabias combinações contra Soldados, que se diziam invenciveis, e contra Generaes, que se diziam os primeiros do Mundo: os planos de V. Excia forão feitos com tanta previdencia, como quem já tinha presente o futuro; elles foram tão publicos, como feitos por quem de nada se temîa; elles forão tambem dispostos, e postos em tanta força, que apenas o Inimigo os viu de perto, cedeu o Campo da Batalha, sem se atrever a disputar a victoria, elle, conhecendo a dificuldade da empreza, não quiz comprometter o seu nome, nem sacrificar debalde a vida de seus Soldados, foi então que elle mostrou ao Mundo que era Mestre da Arte, e que sabia conhecer o que he sêr grande General na frente de Inglezes, e Portuguezes, que sabem ser honrados, e fieis ao seu Rey, e á sua Patria: as victorias de V. Excia. não são obras do acaso, nem da intriga, ou da perfidia, são fructos da corágem, da sabedoria, e da perseverança, que obrigão o tempo, que destróe tudo, a tudo sellar com o sêllo da immortalidade.

Permitta V. Excia. que eu ténha a honra de pôr ná sua presença a Exhortação que fiz aos meus Filhos em Jezus-Christo, em Junho do anno passado: eu lhes tinha ja desde então annunciado a victoria, e com tanta certeza, como se eu tivesse ja visto o resultado; tanta era a confiança que eu tinha na força, e boa dispozição dos planos de V. Excia.; na

coragem, na honra, e na fidelidade dos meus filhos, dos meus Concidadãos, e dos Filhos da Gram-Bretanha, unidos, e commandados todos por V. Excia.: agora lhes faço uma nova Exhortação, que com ésta tenho tambem a honra de pôr na presença de V. Excia.; para que continuem a sêr Portuguezes, e a mostrar que são filhos de uma Provincia, que primeiro acclamou o primeiro Rey de Portugal, e que tornou a repôr no seu Throno um dos seus Augustos Descendentes despojado.

V. Excia, além das qualidades de grande General, acrescenta mais a de um Modélo de Humanidade sem segundo, pois que no meio dos combates, e talvêz quando as circunstancias forçavão o seu coração a esquecer-se desta virtude sensivel, he então que V. Excia. se mostra della mais penetrado, para conseguir da grande Nação bem feitôra o soccôrro a tantos desgraçados, victimas da ferocidade dos Barbaros novos, e singulares na sua especie; com éstas qualidades, como poderá V. Excia deixar de vencer? E qual será o General, que se póssa comparar com V. Excia? Henrique 4° obrigando a Cidade de Pariz a render-se pela fome, áquelles mesmos dos quaes elle se propunha a sêr Pay, só porque permittiu a alguns miseraveis colher as espigas que cubrião o recinto das suas muralhas, ainda hoje se diz na França o Grande por anthenomazia; Henrique era o mesmo que matava aquelles desgraçados á fome, quando elle com uma só palavra lhes podia dar a

vida, fazendo-os fartos, e abundantes: e a V. Ex^{cia}, quando dá a vida, e livra da fome aquelles que outros fizerão famintos, e desgraçados, que nome se poderá dár? Restituão-se as palavras ao seu verdadeiro sentido, e V. Ex^{cia}. será sem igual, Henrique foi grande, e humano á Franceza, e V. Ex^{cia}. he, e será sempre grande, e humano á Ingleza.

Rogo a V. Ex^{cia}. queira aceitar os meus verdadeiros, e sinceros agradecimentos, com a certeza de que sou—De V. Ex^{cia}.—Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Senhor Lord Visconde Wellington.

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Senhor—Sua Alteza Real, como Pay de seus Vassallos, tendo de os mandar instruir, como seus Filhos nas artes, e sciencias necessarias para o bem, e felicidade delles; e sendo hoje a da guerra, desgraçadamente, de absoluta necessidade para defender cada um os seus direitos, o seu socêgo, e a sua tranquilidade contra a perfidia, e ambição do mais insaciavel dos Tyranos, não podia sem duvida escolher um Mestre, que mais bem desempenhasse as suas Altas, e Augustas idéas do que V. Ex^{cia}.

Um Mestre, um Sabio, um homem instruido se acha muitas vezes; mas um Mestre, que saiba ensinar, principiando por fazer-se amar, insinuando-se no coração de seus Discipulos, fazer facil o que he difficil, fazer dezejar aquillo mesmo que repugna

á natureza do homem, conduzi-lo, como pela mão, a arrostar com intrepidêz os maiores perigos, até leva-lo ao mais alto gráu da gloria; do heroismo, he só proprio do Sabio, do Forte, do Grande General, e Mestre como V. Excia.

Eu, como Portuguez, e Pay em Jezus-Christo de uma grande parte dos Vassallos do Mesmo Senhor, vou por mim, e por elles dar a V. Excia. os meus devidos agradecimentos, pelo bem que tem desempenhado as paternaes vistas do meu Augusto Soberano, e pela boa disciplina que V. Excia. tem dado aos meus amados Filhos, e aos meus honrados Concidadãos; e pelo amor e affabilidade, com que a todos tem tratado: he necessario porém que eu, como Pay e Concidadão, e que de mais perto os conheço, informe a V. Excia. das suas índoles, das suas inclinações, e até mesmo dos seus fracos, se he que se póde dizer fraco um coração nobre, generoso, e franco, que não conhece a baixeza, a vil intriga, e a perfidia.

V. Excia. conhece ja pela experiencia propria, o valor e coragem dos Portuguezes; V. Excia. os têm muitas vezes louvado á vista mesmo do Inimigo, pelo bem que elles tem desempenhado as lições, e a disciplina que V. Excia. lhes tem dado: V. Excia., á testa delles com a espada na mão, tem feito voar as Aguias, como os gallos, e os gallos como as gallinhas, e os foi enchotando muito além dos

campos, rios, montanhas, e serras de Portugal; mas para desengano de muitos, que desesperavão do bom exito da nossa causa, permitta V. Excia. que eu diga, que V. Excia. por estudo, e por arte fêz soldados aquelles, que já erão valentes, fortes, e guerreiros por natureza; V. Excia. sabe, que em um ou dois annos não se ensina a encarar a morte, nem se aprende a ser heróe: os Francezes, antes de se dizerem invenciveis, erão animados por todos os furores da revolução, e da guilhotina, que os seguia de perto; e os meus Filhos e Concidadãos, só com as lições de V. Excia., sem os furores da revolução, e sem guilhotina se tem mostrado Portuguezes dignos Discipulos de V. Excia.

Um Portuguez, um Trans-Montano, um Transtagano, um Elvense, desde que nasce he logo embalado no berço pelo horrido estampido da Artilheria, que sacode as muralhas, que o cercão; o écho, retumbando de montanha em montanha, fáz tremer a terra sobre a qual elle dorme socegado; apenas começa a dar os primeiros passos, o tambor, e a trombeta lhe despertão a alegria; os instrumentos bellicos são os seus primeiros divertimentos, ao rapido, e estrondoso fôgo das Armas, elle não fecha os olhos, nem volta a cara; o fumo da polvora lhe conforta a cabeça.

Quando estende os seus olhos pelos campos, montes, e valles, até ás suas fronteiras vê Praças, e For-

talezas, que de dia e de noite lhe estão gritando— á lerta—se volta os olhos para outra parte vê aqui o campo da batalha, onde foi acclamado o primeiro Rey de Portugal, contra o immenso poder de tantos Reys da Mauritania; ali a das Linhas d'Elvas; ali a de Montes-Claros: se levanta os olhos acima das Montanhas, vê nas suas cristas o terror dos Gallos, o Forte de la Lippe; este modélo de fortificação e de Architectura militar, forte por natureza, e por arte impenetravel, o faz soberbo, e orgulhoso contra os Inimigos do seu Rey, e da sua Patria; por outra parte carcomidas muralhas de velhos castellos lhe estão dizendo, que forão ali habitações dos seus guerreiros Ascendentes, que tendo-se exercitado na Europa a dar as Leys em pequeno, as forão depois dar em grande a todas as quatro partes do Mundo; quem pois resistirá a taes Soldados, tendo a V. Excia. na sua frente?

Os Portuguezes depois de constituidos uma Nação, tendo sempre diante dos olhos tantos monumentos despertadores da honra, da gloria, e do heroysmo de seus Avós, nunca jamais forão subjugados pela força das Armas; mas he necessario dizer tudo, elles o forão por mais de uma vêz pela vil intriga, e perfidia dos seus fingidos Amigos, e Protectores; elles porém merecem disculpa; esta dourada pillula do mais refinado veneno se tem feito engulir a Nacões inteiras. Inglaterra mesmo teve tambem o seu Protector, que depois de sacrificar o Rey, e o

Parlamento lançou nos ferros do seu despotismo a sua mesma Nacão, e a sua Patria: V. Excia. sabe que um coração nobre, e honrado não presume, nem mesmo se pode persuadir que um homem, que se diz de honra, e seu Amigo, sêja um vil, um falso, um intrigante, e um traidor; exaqui o fraco dos meus Filhos; fraco quasi sempre inseparavel do homem de honra, he necessario desengana-los, e fazer-lhes conhecer, que os falsos e fingidos Amigos são os peióres inimigos; e que nem todos os que se dizem de honra o são na verdade.

Desde que vi os meus Filhos, e os meus Concidadãos ensinados, e bem disciplinados por Mestres da arte, e commandados por habeis, e experimentados Generaes, e V. Excia. á testa delles, eu não temi as armas dos Francezes, temi as suas intrigas, e a dos com elles interessados no roubo, e na pilhagem, e por isso logo que elles, o anno passado, chegárão ás fronteiras de Portugal, eu advirti os meus Filhos, e Concidadãos, que se não fiassem nelles; eu lhes fallei em nome de Deos, com a auctoridade de Pay, e com a franqueza de Amigo; eu os animei a entrarem no combate, e a obedecerem prontos aos seus Generaes; eu lhes manifestei todos os sentimentos do meu coração: permitta V. Excia. que eu ponha com esta na sua presença as Exhortações, que então fiz, e de novo faço aos meus Filhos em Jezus-Christo.

Eu sei que elles hoje não precisão das minhas

exhortações; a lição terrivel que lhes derão os que se dizião nossos Amigos e Protectores os fará para sempre lembrados, para se não fiarem mais de traidôres, nem de intrigantes, que debaixo da palavra de amizade, e protecção só nos querem tirar a vida, a honra, e a fazenda; mas V. Ex^cia. sabe que o dever de um Bispo, e o amor de um Pay nunca he satisfeito em lembrar aos seus Filhos que sejão fieis á sua Religião, ao seu Soberano, e á sua Patria, que fujão dos mãos, que sigão os bons, que obedêção aos seus Superiores, que sêjao agradecidos a quem lhes faz o bem, e que sêjão em tudo Filhos de Jezus-Christo.

Agora que eu estava a concluir ésta, recebo uma carta do Provisor, e Governador do meu Bispado, em que me diz, que sendo elle avisado, no dia 28 do mez passado, para mandar assistir com os actos da nossa Sancta Religião a cinco infelices, que na manhãa do dia seguinte devião soffrer a pena ultima por crimes militares, rogára a V Ex^cia. para que lhes concedesse mais alguns dias para se dispôrem para apparecerem na Augusta Presença do seu Creador, e receberem os Sacramentos, e as consolacões, com que a nossa Sancta Religiaõ manda assistir aos seus Filhos agonizantes, sem que padecesse alguma irreverencia o Pão Celestial, recebido no mesmo dia do supplicio, que V Ex^cia. se dignára attender ás suas rogativas, mandando suspender a execução por mais dias.

Eu por ésta vou beijar a mão a V. Ex^{cia}. e agradecer este testemunho publico, que V. Ex^{cia}. acaba de dar do respeito com que trata a Religião dos Portuguezes: eu posso segurar a V. Ex^{cia}. que por este procedimento tão sábio, e tão judicioso ganhou V. Ex^{cia}. mais uma batalha, e o coração, e respeito não só dos Portuguezes, mas tambem dos Hespanhoes, nossos Religiosos Alliados; e ainda mesmo dos indifferentes, que sabem que o crime, posto que aborrecido, o homem com tudo sempre deve ser chorado, e consolado pelos seus Irmãos, e que a sua Religião deve ser respeitada; e V. Ex^{cia}. como sabio Politico não póde deixar de conhecer que estas são, forão, e serãõ sempre as pias Intenções de Sua A.R., que será mais, e mais contente e satisfeito de têr entregado os seus amados Filhos nas mãos de um tão grande General como V. Ex^{cia}. que os sabe ensinar, mandar, e castigar, sem prostituir os sagrados cultos da sua adoração. Eu me aproveito desta occazião para confessar o muito que sou—De V. Ex^{cia}.—Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Senhor Marechal W. C. Beresford.—

Ill^{mo}. Ex^{mo}. S^{r}.

V. Ex^{cia}. como sabio General, e grande Mestre da arte da guerra, e como Inglez de honra, não pode deixar de ser Amigo dos Vencedores dos Invenciveis de Marengo, de Gena, e de Austerlitz: o General Lord Wellington, e o Marechal Beresford acabão de lançar por terra as Aguias, que de um rapido vôo,desde a França, pertendião levar nas unhas

a Portugal; a Portugal mesmo, que nenhum mal lhes tinha feito, e que em um canto da Europa, debaixo da boa fé dos tratados tinha os seus portos abertos para todas as Nações, e com ellas vivia em páz tranquillo, e socegado. Eu, e todos os meus Diocezanos e Concidadãos, aos quaes V. Excia. tantas vezes honrou com a sua affabilidade, nos vamos congratular com V. Excia., e mutuamente nos darmos os parabens, não só pela honra, e gloria das nossas Nações, mas tambem por nos vermos livres de taes Harpias.

O Tyrano da França não sabia que attacar a Portugal era attacar aos dois Mundos, era arruinar a mesma França, e fazer a sua maior rival mais rica, e mais poderosa: permitta V. Excia. que eu lhe traga á memoria algumas das nossas conversações em Elvas, quando me fêz a honra de hospedar-se na minha quinta, e ir divertir-se á minha Livraria onde, vendo no meu Ensaio Economico, impresso no anno de 1794 sobre os interesses de Portugal e suas Colonias, part e cap. 2. § 9, e seguintes, que eu dizia, que se a França bem reflectisse nos seus interesses não se lembraria jamais de attacar a Portugal; porque não só não conseguiria o seu fim, mas que até faria a sua ruina: e que o mesmo succederia á Hespanha se attacasse a Portugal; V. Excia. vendo, e examinando as minhas provas disse, como extaziado—isto he uma Profecia politica ja completa—A respeito da Hespanha a minha Profecia desgraçada-

mente se extendeu a mais; porque achando-me eu em uma casa désta cidade, entrou o Conde del Campo de Alange, então Embaixador da Hespanha, a despedir-se dos Donos da casa, e entre outras cousas disse para os circumstantes, posto que com signaes de sentimento, que visto não querer S. A. R. condescender com as propostas d'El Rey seu Amo, para fechar os portos aos Inglezes, não poderia S. Mag^{de}. Catholica deixar de dar entrada pelos seus Estados a um Exercito Francez para o dito effeito; e como se achava junto a mim um Fidalgo Hespanhol, que eu não conhecia, e que tinha hido em companhia do dito Embaixador, eu lhe disse que S. Ex^{cia}. o Embaixador faria um grande serviço ao seu Soberano, e á sua Nação, se lhe dissesse, que não consentisse que pelo meio da Hespanha atravessasse um Exercito Francez para vir conquistar a Portugal, porque primeiro seria conquistada a Hespanha. Que alem de ficar a Hespanha desde logo entregue ao favor das tropas de um vezinho ambicioso, o exemplo de concorrer um Pay para que sua Filha fôsse desthronizada injustamente; ou para que fôsse desthronizado um Soberano que nenhum mal lhe tinha feito, seria de terriveis consequencias para todas as Nações, e principalmente para os Thronos sem exceptuar o da Hespanha: que Portugal de necessidade chamaria em seu socorro não só a Inglaterra, mas tambem todas as Nações, que são, ou quizessem ser interessadas no seu commercio, para que fizessem desembarcar Tropas nos muitos portos, e costas da Hes-

panha, e principalmente em Gibraltar; o qué faria arder a Hespanha em muitos fogos; e que talvez a fizessem separar dos seus Estados d'America, e das suas Indias, pois que a França, e a Hespanha não tinhão forças maritimas que podessem evitar este golpe; o qual uma vêz dado seria mortal para a Hespanha.

Que no ultimo aperto S. A. R[l]. tinha prompta a sua Esquadra para se passar aos seus Estados d'America, e que por um palmo de terra, que se lhe tomasse na Europa, tomaria á Hespanha Provincias, e Reynos inteiros; e que em fim o menor mal que resultaria da injustiça de S. Mag[de]. Catholica seria a ruina da Hespanha, e de Portugal, e em consequencia a do Pay, e da Filha; o que tudo deveria attender S. Mag[de]. Catholica, antes que d'esse aquellé passo tão arriscado.

O dito Fidalgo Hespanhol com o fôgo de rapâz me disse—El Rey meu Amo está muito certo da bôa feé e amizade do seu grande e poderoso Alliado, e da fidelidade, e lealdade dos seus Vassallos, e he tão facil conquistar Hespanha a Portugal, e a Gibraltar, como mudar eu este castiçal de uma para outra parte desta banca—e fêz a acção ao vivo, batendo com o castiçal sobre a banca, e se voltou para mim muito senhor de si, como quem já tinha feito a conquista, e com uma especie de surrizo philosophico de compaixão, como quem talvêz me dizia,

que fôsse rezar no meu Breviario; eu tambem me surri, e ficámos pagos: mas se elle ainda vive talvêz se lembre, e com lagrimas de sangue, desta nossa conversação.

Quando o General Massena chegou ás Fronteiras de Portugal, sendo do meu dever exhortar aos meus concidadãos, e aos meus Filhos em Jezus-Christo, que defendessem com animo, fidelidade, e coragem a nossa Sancta Religião, o nosso Soberano, e a nossa Patria, eu lhes annunciei a victoria com tanta certeza, como se eu já tivesse visto o resultado da batalha; eu não lhes fallei como impostôr, eu lhes combinei as primissas, eu lhes tirei as consequencias, ellas me sahirão justas; permitta V. Ex[cia.] que eu tenha a honra de pôr com esta na sua presença a copia da minha Pastoral, que mandei affixar nas portas das Igrejas do meu Bispado, em Junho do anno passado; e da que lhes mandei publicar em Abril deste anno, convidando os a novos triunfos.

Para animar aos meus Amigos, e aos que no principio da invasão dos Francezes no Porto dizião que, ou Inglaterra não soccorreria a Portugal, ou seria com mão tão mesquinha, que succederia o mesmo, que acontecou na Calabria; eu sempre sustentei com a força da convicção propria, que em quanto Inglaterra tivesse um braço, e um shelling havia de soccorrer com elle a Portugal, porque assim o pedia a conservação della mesma, que consistindo a sua

maior grandeza na muita riqueza do seu Commercio, e este no seu grande credito, se ella não soccorresse a Portugal faria vêr ao Mundo, que ou ella não queria, ou não podia soccorrer a um antigo e fiel Amigo e Alliado, que por ella tinha sempre feito tantos sacrificios, e que assim de qualquer modo que se quizesse considerar a questão, ou Inglaterra seria perdida sem credito, sem commercio, sem Amigos, e sem Alliados; ou se veria na necessidade de desafiar contra si o odio de todas as Nações por uma Pirataria universal, que finalmente acabaria como acabão todos os Piratas; o que não era de presumir da sabedoria, e prudencia dos grandes Politicos, que estavão á testa dos negocios d'Inglaterra.

Que suppôsto Inglaterra tinha pertendido soccorrer a algumas Potencias, e o naõ tinha conseguido, com tudo a falta naõ tinha sido da parte della, mas sim das intrigas dos Gabinetes, que se separárão della; o que se naõ podia dizer de Portugal depois que S. A. R[l]. entregou á dispoziçaõ de Inglaterra os seus Estados da Europa.

Que a cabeça, riquezas, e grandeza dos Estados de Portugal, á excepçaõ da pequena parte que têm na Europa, estavão fóra do alcance do Usurpador; e que Inglaterra têm a sua cabeça, e os seus thezouros muito vezinhos do Usurpador, e as suas grandes riquezas muito espalhadas pelo Continente á dispoziçaõ delle. Que Inglaterra unida, e alliada com Por-

tugal, tendo os seus portos abertos em todas as quatro partes do Mundo, podia fazer face á Europa, e que sem Portugal a situação de Inglaterra seria muito precária, e que nestes têrmos o interesse de soccorrer Inglaterra a Portugal estava na razão da sua grandeza, e riquezas, e do muito que ella tinha a perder. Agora digo mais, que se a Inglaterra quer dar a Ley á França, e acabar com ésta lucta, he necessario que pônha as maiores forças que poder em Portugal, ainda que faça ataques falsos, ou diversões á França por muitas partes da Europa, porque ainda que Inglaterra têm dado penetrantes golpes na França, com tudo, em quanto a França conservar no Continente a cabeça desembaraçada, e o corpo forte e robusto, pouco importa para a decisão da grande lucta, que Inglaterra lhe corte um braço, e uma perna, e a sángre por muitas partes; porque Inglaterra se vai tambem sangrando, e enfraquecendo por muitas partes.

A força da França trabalha por dentro, e desde o centro; e a de Inglaterra trabalha por fóra, e pela superficie, he pois necessario que Inglaterra trabalhe mais por dentro, que entre mais para o centro, que lhe dê golpes mais penetrantes, e que lhe atravesse mesmo a cabeça, e o coração: e V. Ex.[cia] sabe que se não podem dar golpes muito fortes e penetrantes, sem têrem os péz bem firmes, e bem seguros, e Inglaterra hoje no continente só tem os péz bem seguros em Portugal: tendo-os em Portugal, têm na

Hespanha, tem em toda a Peninsula, e fechará os Pyrineos á França. V. Excia via o estado de anarchia a que ficou reduzida a Hespanha, entregue ao furor do Usurpador, e aos partidos que mutuamente se degolão, mas a grande massa da Nacão, ainda se conserva em muita parte sãa e forte: a resistencia que ella têm feito por mais de trez annos contra as immensas forças do Tyranno, combinadas não só pelo ferro e pelo fôgo, mas tambem pela intriga, e pela seducção, he huma prova evidente de que a Hespanha aborrece o Usurpador, e não se quer jamais sugeitar ao jugo da tyrannia: nestes termos o que lhe falta he hum apoio, e hum ponto de reunião.

Logo que a Hespanha vir em Portugal um Exercito triunfante, composto de Soldados guerreiros, honrados, fortes, e dispostos todos a lançar o Tyranno fóra da Peninsula, a Hespanha toda virá por si mesma, como arrastada por uma fôrça de attracção, lançar-se nos braços dos Exercitos combinados; huns porque achão Soldados e Camaradas honrados, e interessados, como elles na mesma causa, nos quaes se possão confiar; outros porque procurão um apoio seguro á sua fraqueza; outros porque seguem o partido de,viva quem vence; e os traidores, ou teimosos, e afferrados á sua opinião se acharáõ sós, e desmascarados, e se veráõ obrigados, ou a confessar o seu êrro, e pedir perdão á Nação offendida; ou a fugir para fóra da Peninsula cheios de confusão, e de vergonha, e desta sorte ganhará a causa das tres Nações alliadas e

a Peninsula se verá livre de Inimigos, e de Traidores.

Tendo-se chegado ao alto cume dos Pyrineos, Inglaterra com os seus alliados póde já fallar de cima, e de lá dictar os artigos da páz, e até mesmo offerecer, não com os subterfugios, e espertezas da diplomacia, e politica particular, de que se honra o Usurpador dos Thronos, e dos Direitos das Nações; mas sim com a franqueza, probidade, e boa fê digna de Nações de honra, grandes, ricas, e poderosas, e que dão aos seus, e aos extranhos o exemplo da sabedoria, da justica, e da moderação: ésta nova diplomacia nobre, franca e liberal chamará todas as Nações a virem abraçar, e agradecer os beneficios das suas verdadeiras amigas e bemfeitoras: ésta nova tactica, até agora desconhecida pelo Mestre das intrigas, será o golpe de raio, que o fará tremer sobre o seu mesmo Throno, até descer, e vir implorar o soccôrro da Gram-Bretanha, e das Nações suas Amigas e alliadas.

O Tyranno da Franca verá de repente communicar- se o fôgo da desesperação contra o jugo da tyrannia; elle verá todas as Nações, como tantos ourissos, montadas sobre as serranîas dos Pirineos, e dos Alpes, cercando-o por todas as partes; elle verá a mesma França abrir debaixo dos seus péz o voráz abysmo, que o engulirá de hum só bocado, e que o fará reduzir ao seu primeiro nada.

Se a Inglaterra no meio desta crize se mostrar ambiciosa, não só perderá tudo quanto tém ganhado de grande, liberal, justa, honrada, e de boã fé, mas até dará mais um ganho, e um gráo de força real ao partido contrario, ella não fará differença do Usurpador, e cahirá no abysmo em que se tém precipitado todos os que tém corrido atráz da chiméra da Monarchia universal: a maior fraqueza hoje do Usurpador da França he a falta de bôa fé com que elle tém tratado a todas as Nações, e principalmente a Portugal, e á Hespanha.

O systema de commercio he por sua natureza creador e productivo, elle pede sociedades, companhias, igualdade, e bôa fé, este systema he muito análogo á natureza do homem; o systema de conquista,e de usurpação he por sua natureza destruidor, egoista, odioso e repugnante á civilização das Nações, he necessario que, ou as Nações civilizadas tornem para o jugo da escravidão, ou que se acabe este systema destruidor.

Os Portuguezes, desde que dobrárão o Cabo de Boa-Esperança, abrîrão as portas do commercio do Mundo â todas as Nações, e as fizerão communicar entre si, como se todo o Mundo fôsse uma só familia, este bem, que os Portuguezes fizerão, e estão ainda fazendo a todas as Nações pelo seu commercio, os fará dellas sempre amados; as suas riquezas não fazem sombra, nem desconfiança á independencia

das Nações; ellas serão de necessidade inimigas dos inimigos dos Portuguezes.

Até o tempo das descubertas dos Portuguezes, os homens erão reputados como cousas, ou como maquinas, que só trabalhão dirigidas pela mão, ou á vontade do Maquinista; e assim era necessario, porque então os homens ainda semi-bárbaros, pouco communicaveis entre si, se achavão como no estado da infancia, ou da adolescencia, sugeitos á palmatoria, ou á correcção do Mestre; ninguem passa de menino a sêr homem, nem do estado de selvágem ao de civilizado, sem passar por este passo do castigo, e da obediencia; o selvágem ou deve sugeitar-se ao jugo do civilizado, ou não deve sahir dos seus Bosques, a civilização do homem se conta por annos, a das Nações se conta por Seculos.

Depois que as Nações se communicárão, as suas idêas se augmentárão ao infinito; ellas se illustrárão, se civilizárão, e mutuamente se ensinárão a conhecer os seus verdadeiros interesses; o espirito humano adquiriu uma força immensa; e as Nações civilizadas chegárão ao estado da sua virilidade; ellas já não devem sêr tratadas como cousas, nem como crianças, mas sim como homens, que ja se não deixão conduzir, como as bêstas.

Querer hoje escravizar Nações civilizadas seria o mesmo que pertender reduzi-las ás primeiras idades

da sua infancia, que os homens tornassem a sêr meninos, ou que o Mundo tornasse para tráz mais de trez Seculos. Ésta manîa he muito semilhante á dos que pertendem fazer que os meninos discôrrão como os velhos, e que as Nações bárbaras, e selvágens, que ainda não tiverão commercio com as civilizadas, ganhem de repente, e de um salto mais de dezenove seculos, para se pôrem já ao nivel das Nações hoje da Europa. A Natureza marcha de um passo igual, ella não se apressa, não córre, nem pára: he necessario que os homens d'Estado, ou se accomódem a ésta marcha, ou sejão esmagados em pena das suas chiméras, e das suas loucas politicas. As palavras, humanidade, liberdade, igualdade, direitos do homem, e outras pomposas, e empoladas, cheias de vento, de que a usurpação, o furto, e a pilhagem se tém mascarado para fazer correr rios de sangue, já não impôe a quem tem olhos: taes palavras, na boca dos usurpadores dos direitos alheios, são um insulto feito ao senso commum, são a vergonha de taes hypocritas, e que os fará para sempre execrandos á posteridade; pregár a justiça, e sêr injusto he sêr e querer fazer dos outros seus tôlos: a revolução geral das cousas, e das idêas será mais uma lição para que os homens se não fiem mais das palavras sem cousas.

Inglaterra se acha ja muito rica, com um governo estavel e consolidado, com um Rey inseparavel de um Paslamento sabio e illustrado, representante da

Nação, que mutuamente tratão dos interesses do seu todo; ella tém uma Constituição das mais perfeitas; toda a Nação tém parte nas suas deliberações, sem o perigo dos tumultos populares, muito proprios das Democracias; ella não he conduzida por um Intrigante, ou como um cégo pela mão de outro; a liberdade civil he guardada em toda a sua inteireza; ninguem he castigado sem sér ouvido; ali se debátem, se examinão, se discútem, a justiça, e os interesses de cada um, do Rey, e da Nação sem attenção a respeitos particulares, nem aos caprichos de um só homem; a sua situação local lhe segura a sua estabilidade; ella não deve aspirar á chiméra do optimismo, nem a uma constituicão, que só possa sêr feita, e executada pelos Anjos, ¿ que mais pode dezejar uma Nação para a sua felicidade? Deverá arriscar tanto bem certo, para correr atráz das quiméras, que tém lançado nos abysmos a tantos Imperios? ¿ E de que servem as riquezas, quando se não pode gozar dellas em socêgo?

As Nações estão já cansadas de se matarem; as forças humanas tém um limite, dever-se-há correr, e forcejar até rebentar? ¿ E qual seria o apoio das Nações em uma tal catastrophe? Desterre-se para sempre do meio das Nações honradas a infernal politica de Machiavel, deshonra da sua Patria, e que hoje chóra com lagrimas de sangue têr sido May de tal filho: hája justiça, hája bôa fé, sejámos ao menos embalados com a dôce esperança de que chegadas

as trez Nações ao alto dos Pirineos será apresentado ao Mundo o ramo da oliveira.

Não faça Inglaterra o bem só para si, faça que o bem da sua constituição se extenda a todo Mundo; faça justiça a todos; deixe que cada huma das Nações goze dos seus direitos, e da sua independencia, e que se regule pelas suas Leys; trate bôa fé com todas; todas seráõ mais amigas d'ella; será o idolo de todas ellas; deixe para os intrigantes as palavras sem cousas; deixe as quiméras para os aventureiros, que nada têm a perder; deixe-os sós, e não os imite, elles cahiráõ por si mesmos.

V. Ex^cia sabe que o Negociante sabio e honrado, para têr á sua dispozição os cabedaes e riquezas dos grandes e ricos proprietarios, não precisa de lhes fazer a guerra, nem de lhes atar as mãos, basta tratar com elles bôa fé, e até mesmo emprestar lhes dinheiros adiantados; o grande proprietario quasi sempre gasta sem conta, pezo, nem medida; elle até parece que não sabe calcular; o sabio negociante quasi nunca larga a penna da mão; a sua despeza he na razão da sua receita. Se Inglaterra sustentar sempre o caracter de negociante sabio, honrado, justo, e de bôa fé, que não póde sêr rico com pobres, nem feliz sem que tambem o sejão os seus socios, e os com ella interessados; Inglaterra será o thezouro das Nações, e a Tutôra de todas ellas.

Eu espero que os sabios e grandes homens, que estão á testa do governo de Inglaterra saberáõ aproveitar-se do momento para fazerem uma páz duravel, justa, e honrosa aos vencedôres, e aos vencidos; o dôce nome de Pays da Patria passará a sêr o de Pays das Nações, e até me parece que já os estou ouvindo dizer—o dia não está longe—ah que dia de alegria não será para todas as Nações, e para os authores deste dia! Eu estou certo . . . . . . Agora advirto que estou escrevendo uma carta; rogo a V. Excia queira perdoar-me ésta distracção, pois me parecia que estavamos discorrendo na nossa livraria em Elvas, sobre os interesses das nossas Nações; interesses, que só podem sêr tratados com a liberdáde Ingleza.

Não he justo que eu abuse da paciencia de V. Excia por mais tempo. V. Excia pode estar certo de que sou devéras, e de todo o meu coração—De V. Excia—Illmo e Exmo

Senhor General J. H.

Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica; Bispo d'Elvas, do Conselho de S. A. R que Deos guarde, etc. etc.

Saude, Paz, e Graça por Deos Nosso Pai, e por seu Filho Jesu-Christo Nosso Senhor.

Aos Nossos bons Subditos, e Diocesanos. Nós vamos fallar como um Pai aos seus Filhos bem Amados, e como um verdadeiro Amigo aos seus Amigos. Uma Nação composta d'Atheistas sem Religião, e sem Moral, he uma quiméra, que não existe; a Religião, que nos ensina a boa Moral, he a primeira base fundamental das Nações. Jesu-Christo Nosso Redemptor e Pai nos ensinou uma Religião fundada em uma Moral santa por si mesmo, e que nos manda amar ainda mesmo aos nossos inimigos: elle nos promette uma vida eterna, e a salvação das nossas almas: he de necessidade que amêmos de coração a nossa Religião, para conseguirmos o nosso mesmo bem; a vida eterna, como Filhos de Jesu-Christo; e a vida temporal como Membros de um mesmo corpo, que constitúe a Nação Portugueza.

¿ Dirá alguem, que se ama de coração o objecto, que se deixa insultar, e offender? Não certamente; direis vós, antes morrer do que tal consentir: eis-

aqui, amados Filhos, o que Nós esperamos de vós. Vós que tendes mulher, e filhos, amigos, e parentes, sabeis melhor do que ninguem a fôrça com que a Natureza trabalha dentro de vós mesmos para salvareis a vida a todos estes pedaços dos vossos corações. As mesmas aves mansas, e desarmadas se arrojão ás féras, que attacão os seus pequenos pintos, ainda mesmo á custa de perderem as suas vidas. Portuguezes Elvênses! Ah que encantadores nomes ao proferir nos arrebatão, e nos elevão acima de nós mesmos! Elles nos fazem vêr o padrão da victoria, com que rompesteis as famosas linhas d'Elvas; a de Montes-Claros; com que firmasteis a corôa na cabeça da Augusta Casa de Bragança contra o poder do Soberano, que então fazia tremer a Europa.

Portuguezes, o vosso nome nos traz á imaginação os mais atrevidos Entes da geração humana: aquelles homens, que sendo poucos, vencêrão os seus inimigos em numero muitas vezes maior: aquelles homens, que primeiros que todos, sem mais guias, e companheiros do que as estrellas, domárão a braveza dos grandes mares, e a furia dos ventos; e de hum canto da Europa forão dar Leis ás quatro partes do mundo; que homens! Que heroes! ¿Será preciso, irmãos, desenterrar os seus ossos para que venhão defender a nossa Religião, a nossa Honra, e a nossa Patria? ¿Aquelles ossos mirrados valeráõ mais do que o sangue delles, que córre pelas vossas veias? ¿Tereis vós animo de conservar a vida para vereis prostituir vossas mulheres, vossas filhas; para vereis

despedaçar vossos filhos, e vossos velhos Pais, que vos derão o ser? Ah, não; uma vida sem honra, sem virtude não he vida, he uma morte continuada: mostrai ao Mundo que ainda ha Portuguezes; mostrai ás Nações honradas, que sois dignos da sua amizade, e da sua confiança; mostrai aos vossos inimigos, que não nascesteis para sereis escravos, nem para sereis uma Nação protegida.

A's armas, Filhos, ás armas: os inimigos se chegão ás vossas portas, para espreitarem se vós dormís: estai á lerta: não temais. Vós tendes pela vossa parte a razão, a justiça, e a verdade; estes companheiros inseparaveis da virtude, e da honra; com honra e virtude, vós sereis fortes, e vencedores; os vossos inimigos só tem por si a mentira, a perfídia, e o sentimento interno, que sempre os accusa de injustos; estes remorsos inseparaveis do homem culpado são outros tantos inimigos, que os róem por dentro, e que os enfraquecem continuamente; elles seráõ vencidos. Não vos assuste o medônho quadro da desolação, e da morte, que elles têm espalhado pela maior parte da Europa: tudo têm sido consequencias necessarias do estado de anarchia, a que a Europa já de longo tempo estava reduzida; chegou o momento, rebentou a mina, e lançou pelos ares todos os corpos, que a prendião; mas tudo vai já desapparecendo como o fumo. A liberdade, ésta palavra mágica, que tinha electrizado tantos milhões de homens, já hoje arrasta as mais pesadas cadeias, que ella nunca teve; a palavra mágica já nã

existe. A intriga, ésta terrivel arma, que têm lançado por terra tantos Thronos, e as mais firmes columnas, que os sustentavão, he hum fantasma, que só existe em quanto dura a illusão; ella já não existe, a intriga está descoberta.

Por outra parte as riquezas, e o excessivo luxo da Europa, augmentado pela brutal Philosophia do tempo, desenterrada das medonhas cavernas do Paganismo, que fazia consistir a felicidade dos homens na fruição dos prazeres e deleites mundanos, tinha feito renascer a Seita do egoismo; ésta Seita, que só trata de conseguir o seu fim sem attender á Justiça, nem á decencia dos meios; ésta Seita infernal tinha destruido todos os vinculos da sociedade; aquelles vinculos, que constitúem hum só todo unido, e forte. As diversas classes indispensaveis no estado da sociedade se achavão destruidas, e confundidas pelo seu mesmo egoismo: todas trabalhavão por suplantar humas ás outras por hum fausto soberbo, e orgulhoso; todas se querião pizar por huma profusão ridicula, e escandalosa. Os homens, augmentando ao infinito as necessidades ficticias de um luxo affeminnado, muito acima das suas forças, se tinhão feito pobres no meio mesmo das maiores riquezas; ésta pobreza voluntaria, forjada pelos vicios, era de necessidade que precipitasse a taes pobres nos excessos da fraqueza, inseparaveis da pobreza viciosa, sem Religião, sem virtude, sem moral, sem honra, e sem vergonha.

Neste estado de dissolução geral, uma alluvião repentina de sceleratos por systema, aproveitando-se do momento, se lançárão como féras famintas e raivosas sobre as vidas, honras, e fazendas dos Cidadãos virtuosos e pacificos, que dormião confiados nos que estavão encarregados da guarda delles. Os governados, e Governantes forão victimas da sua mesma Seita; elles se achárão sem união, e sem algum plano combinado para reparar o novo, e repentino golpe; era de necessidade que fôssem todos sacrificados. Vós porém, amados Filhos, que estaveis um pouco mais longe do primeiro impeto da irrupção, tivesteis tempo de vos acautelareis, e de chamareis em vosso soccorro os vossos bons Amigos, e Alliados, fortes, e guerreiros, tão interessados como vós contra o inimigo commum; os planos da vossa defeza, e dos vossos ataques estão já combinados com a natureza do vosso paiz, pelos sabios Mestres da arte. O nome só de Wellesley he para vós o signal do triunfo; os Generaes, que vos dirigem gozão da vossa confiança; o seu valor, a sua arte e a sua fortuna vós conheceis já pela experiencia; elles por mais de uma vêz vos tém feito cobrir de louros contra os invenciveis de Marengo, ainda mesmo quando vós ereis bisônhos; obedecei promptos os seus mandados; observai a sua disciplina; vós sereis invenciveis; vós sereis então Portuguezes.

Considerai o vosso estado no vosso paiz bem provido, com todos os portos abertos, recebendo

continuamente Tropas guerreiras, viveres e soccorros, em hum Reino, que por isso que he pequeno, he todo huma Praça forte, defendida pela natureza e pela arte: muralhas, e baluartes vos defendem por toda a parte; perdido hum, outros muitos se apresentão para destruir hum inimigo, que vém de longe, faminto, abatido, e cançado: elle não vos póde atacar pelo flanco, nem pela retaguarda; o grande numero será obrigado a proporcionar-se ao pequeno. E pelo contrario, considerai o estado dos vossos inimigos, distantes da sua patria, no meio da Hespanha, com justa razão contra elles irritada, e em um paiz já esgotado, sem viveres, sem forragens, sem soccorros da parte do mar; e quantos mais viérem, tanto menos teráõ que comer; elles já são obrigados a sustentar-se do furto, e da pilhagem: o pão, que elles cómem he já amassado com o seu proprio sangue; a agricultura, ésta trabalhadôra, e fecunda Mãi, está já sem braços; elles lh'os cortárão: elles são perseguidos em todos os pontos por Hespanhoes bravos, que os seguem como a sombra; desesperados e resolutos, a vencer ou morrer, e que surgindo como debaixo da terra por entre bosques, e serranías inaccessiveis, não os deixão descançar de dia, nem de noite. Considerai as Tropas do vosso inimigo, compostas de Nações diversas, inimigas por natureza, em um clima inimigo do seu, e em uma estação propria para os destruir, ainda antes de combaterem; estas Tropas obrigadas por um Tyranno a morrer longe da sua patria, sem

gloria, sem honra, sem proveito, só esperão por um feliz instante para escapárem das suas garras.

Não vos fieis nas promessas lisongeiras dos vossos inimigos; elles desgraçadamente estão na impossibilidade de as poder cumprir. Vós os visteis entrar no vosso Paîz, debaixo da sagrada palavra d'amizade; pobres e sem dinheiro, rôtos, nús, descalços, morrendo de fome, desafiando mais a vossa compaixão do que a vossa cólera; e vos promettião protecção, quando elles mais precisavão da vossa: vós os vestisteis, e sustentasteis com mão larga e liberal; a recompensa que vos derão, foi, armados já de bayonetas, pedirem vos quarenta milhões de cruzados pelo vosso resgate! Vos visteis a perfidia com que o Aleivoso vos tirou as armas, e conduziu enganados os vossos filhos, os vossos irmãos, os vossos parentes, e os vossos amigos, para îrem sêr em paizes estranhos, o instrumento da sua ambição; assim como de lá têm arrastado outros para vîrem sêr contra vós, que nenhum mal lhes fizesteis.

Ah Filhos, que homens tão ingratos! Que degradação da especie humana! Os barbaros Tapuyas, as féras mesmo se domão, e se mostrão agradecidas aos seus bemfeitores; e os homens, que se dizião Philosophos defensores da humanidade opprimida; a Nação, que se dizia a mais polida, e a mais civilizada do Mundo, desconhecem aquelles sentimentos, que fallão até mesmo nos corações dos barbaros Selvagens, e das féras!

Ah Filhos amados, a maior desgraça delles he já não poderem sêr agradecidos. As desesperadas circunstancias em que elles se achão os tém constituido ingratos; ellas os tém pôsto na necessidade absoluta de, ou morrerem de fóme e de miseria, ou de vos matarem para comerem o vosso pão, vestirem a vossa camiza, roubarem o vosso dinheiro. A's armas, Filhos, ás armas: vós tendes a combater féras: já não tendes outro partido a esperar mais do que, vencer, ou morrer.

O Tyranno faz temer, e tremer; porque elle teme, e treme; elle já não sabe por onde trépe para fugir ao abysmo que o segue: a teima de fechar todos os portos da Europa, não he uma politica; elle conhece que o ouro, e a prata, ésta alma do commercio, estes saldos lhe serião fechados; he um pretexto para se armar, e ferrar as unhas em toda a parte; mas quanto mais puchar pelo seu arco, tanto mais depressa o quebrará; elle já não póde cubrir-se muito de um lado, sem que se descubra do outro; a força lhe he necessaria em toda a parte; este estado violento resiste á ordem da natureza; um enfado da fortuna, um descuido, ou uma vertigem na cabeça do Architecto, a máquina cahirá por terra: elle não he eterno.

Animo, Filhos, animo, arrostai a tormenta, confiai na justiça da vossa causa, na bondade do nosso Deos, nas promessas do Deos dos nossos Reis: não

espereis novos milagres, nem prodigios novos; vós os visteis já com os vossos olhos.

Vós visteis o milagre com que Deos salvou das garras dos Tyrannos esfomeados o nosso amado Principe, a Familia Real, e as Augustas Reliquias dos Borbons, que o Tyranno queria anniquillar.— Vós visteis o Céo cuberto de um negro manto, os ventos contrarios, o mar embravecido, os elementos mesmos, que parecião de mãos dadas concorrer com os tygres para não deixaram, nem uma só porta, por onde lhes podesse escapar a innocente preza. Mas quando já tudo parecia desesperado, e sem algum soccorro humano, o Céo, em um instante, appareceo alegre, e rizonho; o vento do mar saltou para a terra; o mar socegou a sua furia; as Náos, soltando as vélas, salvárão do perigo os nossos Augustos Soberanos; a Alma de Portugal voou a animar o Corpo, que pérfidas mãos trabalhavão já por separa-lo da sua cabeça: e as Colonias filhas, com os braços abertos, recebêrão contentes o seu Soberano, como seu Pai.

Vós visteis a saudosa Nação Portugueza abatida de dôr e de afflicção; e quando já parecia morta, e levada á sepultura, vós visteis levantar-se o seu corpo, e como arrebatado de um fôgo Divino, correr furioso a salvar a Religião, a Patria, e a honra da Nação: vós visteis os inimigos fugirem como espavoridos; vós os visteis desapparecerem diante de vós, como as arêas sacudidas pelos ventos. Eis-aqui o

como Deos, quando quer salvar os seus escolhidos, zomba dos mais bem combinados planos da philosophia dos homens. Deixai, Filhos, deixai esses Atheistas incredulos, que tudo attribúem ao acáso; compadecei vos do seu brutal egoismo.

Se Deos vos quizesse entregar aos vossos inimigos, elle vos teria entregado quando elles aqui estiverão. Deos então os trouxe para fazer-vos vêr o perigo, e vos acauteláreis delle; para acordar os que dormião, e que não acreditavão o que não vião, e que até mesmo os inculcavão por Christianissimos. Mas todos virão, e bem á sua custa, os taes Christianissimos, roubando os altares, profanando os Templos, e os vasos sagrados, insultando o Deos dos Christãos, pisando mesmo . . . ah! não precisamos dizer-vos o que vós tambem visteis, e com quantas lagrimas de dôr, e de afflicção! Deos nos quiz dar um castigo temporario para nos dar tempo de lhe pedir-mos o perdão das nossas culpas, e que nos livre de um castigo eterno. Elle quiz confundir os perversos, que no meio de vós espalhavão o terror, a cizánia, e a discordia contra a nossa Religião, contra o nosso Soberano, e contra vós mesmos: mas, graças ao nosso bom Deos, o monstro do atheismo, inseparavel do egoismo, que devora todos os bens da sociedade, se vai já aborrecendo de si mesmo; elle já se horroriza á vista da sua devastadôra, e assanhada brutalidade. Deos quiz que visseis o monstro, para todos vos armáreis, e vos unîreis contra elle,

Animai-vos, Filhos, já não ha partidos, já não ha discordias entre vós, e os vossos Concidadãos; os seus olhos os tem já desenganado dos seus erros; elles já não querem sêr monstros devoradôres da Mãi, que lhes dêo o sêr: o sangue Portuguez ainda pulsa nas suas veias: as féras mesmo brigando entre si muitas vezes se únem contra o inimigo mais forte. Levantai as mãos ao Céo, e adorai o vosso Creador, que com a sabedoria de um Deos, e com o amor de um Pai, que só quer o bem do seu filho, ao mesmo tempo em que vos castiga, tira do meio de vós a discordia, e vos dá a união tão necessaria para vencereis o inimigo commum. Tende coragem, Filhos, vós îdes a sêr o instrumento com que Deos vai castigar o inimigo do seu Nome, e vingar tantos ultrajes. Elle não quiz abater o soberbo Gigante com outros Gigantes: elle quer mostrar quanta he a força do seu braço, mandando-lhe um Pastor, o pequeno David, lança-lo por terra.

Todos vamos fazer fervorosas préces, e por tres dias em todos as Igrejas do nosso Bispado, para que Deos abençôe as nossas armas, e as dos nossos Amigos e Alliados contra o inimigo commum.

Tende fé e constancia; um fogo Divino abrazará os vossos corações, e fortalecerá os vossos braços: a Religião, a Igreja, e a Patria triunfaráõ dos seus inimigos, e vós sereis vencedores: a vossa gloria se estenderá de um Mundo ao outro Mundo: o nome do nosso Amado Principe Regente, o primei-

ro dos Soberanos, que da Europa atravessou até os fins da Zona-Torrida, será ouvido até á mais remota posteridade com admiração e espanto: Jorge III. seu bom Amigo e Alliado, unido, e interessado na mesma causa, será com elle collocado sobre a columna da immortalidade, sustentada pelos honrados, fortes, e invenciveis braços dos Lusos-Anglo-Hespanhoes.

Nós vos abraçamos de todo o nosso coração; e vos abençoamos em Nome do Deos dos Exercitos, para que guîe, e fortaleça os vossos braços, e se digne dar-nos a páz de que tanto necessitamos. Dada em Lisboa, debaixo do Nosso signal, e sello das nossas armas, aos 20 de Junho de 1810.

Lugar do + Sêllo.

(Assignado) *D. José Bispo d'Elvas.*

Exhortação Pastoral, pela qual V. Excellencia recommenda, e anima aos seus Diocesanos á defeza da Religião, do Soberano, e da Patria, e ordêna que se fação préces por tres dias em todas as Igrejas do seu Bispado, para que Deos abençôe as nossas armas, e as dos nossos Alliados e Amigos, e que nos dê a paz.

Para V. Excellencia vêr, e assignar.

João Joaquim d' Andrade

Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, por merçê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Elvas, do Conselho de S A. R.; que Deos guarde, etc. etc.

Gloria sêja dada a Deos nos Ceos;
e na terra paz aos homens.

Amados Filhos, cheios de gosto, de alegria, e de consolação, Nós vamos congratular-vos pelo complemento da victoria, que já pela Nossa Exhortação Pastoral, desde 20 de Junho do anno passado, Nós vos tinhamos annunciado: o Braço forte do Nosso Bom Deos já desde então se tinha mostrado tão patente em nosso favor, como o Sol, a Lua, e as Estrellas nos estão dizendo, que existe um Deos premiador dos bons, castigador dos máos: a justiça da nossa causa, e a perversidade dos nossos Inimigos pedião a Providencia do Omnipotente; aquella um Protector; ésta um vingador a tantos ultrages: corramos aos sagrados Templos do Nosso Bom Deos; e prostados por terra, detestêmos para sempre as nossas culpas, e lhe dêmos infinitas graças por tantos beneficios recebidos.

Vós porém, amados Filhos, cheios já do fôgo Divino, e de uma fé viva, correi de novo ás armas; não deixeis algum descanço ao Inimigo; seguî a

victoria: Nós conhecêmos que vós não precisais de uma nova Exhortação para defendereis o nosso Soberano, e a vossa Patria: os vossos Avôs por uma successaõ de Pais a filhos tiverão o cuidado de vos transmittir o fôgo da eloquente falla, que lhes fêz o Ex^{mo} D. Manoel da Cunha, um dos Nossos Predecessores na Cadeira Elvênse, quando foi restituido ao Throno dos seus Avôs, o sempre desejado Rei o Senhor D. João IV.: aquelle sabio, e eloquente Prelado soube com tanta força, e energia gravar nos corações dos honrados Elvênses o amor, e fidelidade ao seu Soberano, e a liberdade da sua Patria, que nada Nos deixou a fazer nesta parte: desde aquella geral acclamação, e memoravel época até vós, uma série de batalhas, de victorias, e de triunfos têm deixado á mais remota posteridade eternos padrões de bravura, honra, e fidelidade dos Elvênses, sempre Portuguezes. Nós mesmos temos a dôce consolação de contarmos no numero dos Nossos amados Filhos, tão bravos, e fieis defensores da Patria.

Continuai a mostrar ás aturdidas, e estupefactas Nações, que os invenciveis de Marengo, de Jena, de Austerlitz, e os seus famosos Neys, Regniers, e Massenas, vierão de tão longe pôr nas vossas cabeças, e juncto ás margens do vosso Téjo, Douro, Mondego, e Zezere, aquelles louros, que elles tinhão colhido nas margens do Elbo, do Oder, do Wistula, e do Danubio. As victorias delles não têm com-

paração com as vossas do Vimeiro, do Porto, do Bussaco, de Campo-Maior, e de Olivença: as delles forão devidas á vil intriga, e á perfidia; as vossas são filhas da coragem, da honra, e fidelidade dos vosso corações: dos vossos golpes só escapárão os que fugírão, ou os que se lançárão aos vossos pés: obrigai ao soberbo Aggressor a pedirvos a paz, e a receber de vós a Lei, para depois vireis descançar no seio das vossas familias, e a receber os devidos agradecimentos, e os bem merecidos louvores dos vossos Concidadãos: vós então com um nobre orgulho mostrareis aos vossos Concidadãos, e aos vossos filhos, como troféos da vossa gloria, as cicatrizes do sangue, que derramasteis pela defeza do nosss Soberano, e da vossa Patria.

Vós fareis abrir nas vossas espadas os retratos dos vossos Mestres, que vos ensinárão a subir a tão alta gloria: vós, cheios de fôgo e de entusiasmo, e já talvêz com os olhos affogados em lagrimas de gosto, e como suffocados de alegria com palavras entre-cortadas, apenas apontando com o dedo, vós lhes direis:—Meus amados filhos,—meus Concidadãos,—este he Wellesley,—este he Beresford:—forão estes os que não quizerão a gloria de Generaes pelo desperdicio do nosso sangue; elles nos amávão como filhos; elles nos ensinárao por uma nova tactica a vencer com vantagem os Tygres, e os Leões; seguî, meus filhos, seguî as lições de taes

Mestres; sêde agradecidos a quem vos fêz tanto bem; a estes Heróes, que tém feito tanta honra a nós, a si, á sua Patria, á sua Nação, e ao mesmo Homem.—

Nós desejariamos, amados Filhos, agradecer e especificar as heroicas acções de cada um de vós: mas como, se todos ao mesmo tempo vos apresentais á nossa imaginação, sem que possamos distinguir qual de vós he o primeiro? Vós todos tendes servido bem ao nosso Augusto Soberano, e á vossa Patria: vós tendes merecido a estimação dos vossos Concidadãos; vós tendes desempenhado a honra do Nome Portuguez: vós tendes abismado, e aterrado aos vossos inimigos: vós tendes feito admirar o Mundo; ¿ que mais póde ambicionar de gloria o nobre coração do Heroe? Vós não precisais de palavras; o vosso nome, e o vosso merecimento he, e será sempre superior a todo o elogio. As paginas da vossa Historia seráõ mais eternas do que o bronze.

E vós, Filhas Elvênses, em quanto os vossos maridos, filhos, irmãos, parentes, e Concidadãos, correm ao campo da batalha a colher novos louros na defeza das vossas vidas, honras, e fazendas, arranjai as vossas, e as suas casas; cultivai as vossas herdades, e fazei semear as vossas terras para soccorrêreis a elles, a vós, e aos vossos pequenos filhos: vêde, se podeis, com olhos enchutos, as vossas casas

destruidas, os vossos campos abrazados pelos Francezes do XIX. seculo: Vándalos por imitação, Bárbaros por systema: apressai-vos, filhas, apressai-vos a reparar tantos males; vendei, se fôr necessario, as vossas joyas; as vossas preciosas pedras convertei em pão para sustentáreis a vós, e aos vossos filhos: o Demonio, o mesmo Demonio pediu a Christo, que lhe convertêsse uma pedra em pão; não queirais converter o vosso pão em pedras; não queirais sêr peiores do que o Demonio: deixai esses enfeites, que até vos insultão no meio da calamidade geral, e quando tantos chorão.

Vós não vereis jámais alguma estátua da formosura, alguma pintura, alguma belleza representada, coberta de joyas, nem de preciosas pedras: os seus cabellos entrançados com simplicidade, e artificiosa negligencia, servião como sombras para fazer realçar as suas bellezas; ellas não as querião escurecer com estranhas, e emprestadas luzes: os seus cabellos erão todo o seu ornato; sem cabellos só se vião aquellas, que comsigo trazião o distinctivo do desprezo. Que quereis que se diga, quando estão os maridos, os filhos, os irmãos, huns luctando com os tygres; outros pagando contribuições, com que não podem para sustentarem os seus defensôres, e da Patria; e as suas mulheres, filhas, e irmans sem piedade, nem compaixão, sangrando-os nas arterias mesmo do coração, por uma profusão, e por um luxo sem limites?

Se visseis de uma parte um malvado arruinando e destruindo a casa, e a herdade de um Pai de familias, e este pela outra parte pondo-lhe o fôgo, e lançando-a por terra, não dirieis, que estava dôido, louco, e furioso; ou que de proposito queria arruinar, e perder a si, a sua mulher, e as suas filhas? Quereis que de vós se diga outro tanto? Não, Filhas, não; he necessario dar ás vossas filhas o exemplo da virtude, e da honra; he necessario ensina-las, e acostuma-las ao trabalho: ninguem nascêo sabendo, e sem aprender não se sabe: o exemplo das Mãis he a primeira lição das filhas.

Fugi, Filhas, fugi de um luxo, que por todos os titulos vos he ruinoso: o luxo excessivo foi sempre a peste destruidora dos Estados: a corrupção dos corações, a perversidade dos costumes, que elle comsigo traz, são os symptomas da morte proxima de uma Nação; he um hydropico, que quanto mais bébe, tanto mais sède tém; elle nunca he saciado; a morte só he a que pôe fim á sua sêde: a França com as suas ballas, e bayonetas não tém feito tanto mal ao Mundo, como tém feito os monstros, que por toda a parte tém estragado a moral, e a innocencia dos corações; todos estes males trazem a sua origem de um luxo sem limites. Fugi, Filhas, fugi deste monstro, que vos faz tão feias, como despreziveis.

Desde que as voluptuosas Romanas começárão a perder o amor da gloria, da virtude, e da honra, e a entregaram-se a um luxo sem limites; ellas, e seus filhos forão vencidos; todas forão escravas dos bárbaros seus vencedores: ellas cahirão em um tal desprezo, que os mesmos homens não as querião por mulheres; huns porque temião o enórme pezo do excessivo luxo; outros porque as compravão a vil preço, como ridiculas bonecas em uma feira; ou as enganavão, e as insultavão; ou fugião dellas: Leys rigorosas se promulgárão contra os solteiros; premios, e privilegios forão prodigalizados para os convidar ao jugo do Matrimonio; nada foi bastante, a corrupção foi geral, sobreveio a gangrena, o Imperio Romano acabou. Sabei Filhas, sabei, que os homens são taes, quaes elles são educados; a sua primeira educação he aquella, que elles bébem com o leite de suas Mãis; um leite máo, e corrompido deixa para sempre estragada a mais robusta constituição.

Os antigos Legisladores, querendo dar leis ás Nações, ou reduzião as mulheres a méros automatas á disposição dos homens; ou as separárão totalmente delles, e as tinhão na escravidão, e na ignorancia, sem mesmo saberem escrever nem os seus nomes: aquelles impostores não fizerão mais do que mostrar a sua ignorancia: o veneno mais forte he muitas vezes o melhor remedio para arrancar o homem das garras da morte: o touro mais bravo he o mel-

hor servidor do homem, que o sabe domar; tudo depende da arte: ésta era a que faltava áquelles Impostores.

Elles só olhavão para vós como brutos; elles não reflectião nas sublimes qualidades de que vos dotou a Natureza; elles até parecião ignorar, que vós sois ametade do Genero humano; que vós fosteis feitas para sereis as Mãis, e as primeiras Mestras dos homens; que o dôce nome de Mãi he a primeira consolação do homem apenas nascido; que a ternura, o pudôr, e a timidez, a piedade, e o carinho maternal, que só a Natureza sabe gerar, são os caracteres distinctivos do vosso sexo; e que só vós sabeis enxugar as lagrimas de um filho, que chora: elles em fim não sabião aproveitar-se de tantas qualidades boas, para estabelecer as Leis, reformar a barbaridade dos costumes, e civilizar as Nações: elles até parecião sêr feitos para destruir, quando vós ereis feitas para crear.

Sim, amadas Filhas, sim; sem vós não ha Nações: Roma sem vós era um covil de ladrões; mas logo que elles roubárão as famosas Sabinas, filhas de um Povo austéro, que tinha por base a honra, e a gloria da sua Nação, com estas virtudes sociaes das Nações, ellas domárão os seus ferozes roubadores; ellas os civilizárão e os constituírão uma Nação a primeira do Mundo. ¿Como pois poderião aquelles Impostores

governar, e dirigir bem uma parte do Mundo sem o concurso da outra, nem aperfeiçoar uma sem aperfeiçoar a outra? Sim, Filhas amadas, sim; fazei todo o bem de que vós sois capazes; tende coragem, não desmaieis na empreza.

E vós, Filhas Elvênses, que de cima das muralhas, que vos vírão nascer, tendes visto o bronze trovejador vomitar globos de fogo, que tem esmagado os monstros, e abrazado os inimigos da vossa Patria, tereis a fraqueza de succumbir ao imperio das bagatellas? Ah não: se amais a verdadeira gloria, e a vossa boa reputação; se quereis que o Mundo falle de vós com respeito e admiração, como um prodigio do vosso seculo, resistî á tentação das ninherias; não temais sêr as primeiras em dar o exemplo da virtude, e da honra: cortai pelas vossas despezas superfluas, comprai bois, comprai arados, fazei lavrar as vossas terras, îde vós mesmas animar com a vossa presença os vossos trabalhores; ésta foi sempre a maior honra, e a maior gloria dos mais famosos Imperadores do grande, e mais rico Imperio da China: enchei-vos de um nobre orgulho de sereis tambem a origem da felicidade das vossas familias; de sereis as Mãis, as Mestras, as Governantes, e as primeiras personagens das vossas pequenas Republicas.

Sim, amadas filhas, sim, fazei uma nova revolução na pureza dos costumes, a mais digna de vós; chamai em vosso soccorro todo o vosso energico ascen-

dente; recobrai a vossa innocente candura; desprezai a vil intriga; com a lingoagem dos vossos olhos, muda, e sublime, reprehendei a esses vís aduladores sem honra, nem educação, indigno da vossa presença: dai o exemplo do trabalho ás vossas familias ensinai ás vossas filhas o bom governo das vossas casas; evitai toda a occiosidade: fazei que os vossos maridos, filhos, irmãos,parentes, eConcidadãos, quando voltarem do campo da batalha, tenhão novos motivos de vos amar, de vos respeitar, de vos adorar mesmo, como suas verdadeiras bemfeitoras; vós então sereis para elles o balsamo consolador das suas feridas: e se o gosto de fazer o bem, he o premio das almas grandes, e bemfeitoras, quanto não será grande o vosso?

Sim, Filhas amadas, fazei que elles contentes ponhão aos vossos pés os despojos dos seus vencidos; e sobre as vossas cabeças as corôas dos seus louros; vós então lhes parecereis mais bellas do que as pintadas pela fabulosa Antiguidade, que se fazião a guerra, e aos seus Descendentes por um desprezivel pômo de ouro. Fazei que do meio de vós renasção as heroicas virtudes das antigas Matronas Portuguezas, que com as suas proprias mãos ajudavão a armar aos seus filhos, recommendando-lhes a honra, e a defeza da Patria, e do seu legitimo Soberano: mostrai ao Mundo, que se os Portuguezes souberão vencer aos que se dizião invenciveis; vós soubesteis ensinar aos que se dizião Reformadores do Mundo, não só a verdadeira maxima de crear e educar filhos virtuosos,

Cidadãos honrados, e intrepidos defensores d Patria ; mas tambem a sublime arte de fazer os homens felices desde o berço, pela prática da boa moral, que nos ensinou Jezus-Christo, quando quiz salvar o Mundo da corrupção geral ; sim, amadas Filhas, sim, aquella móral, que por si mesma se mostra santa, amavel, e a obra digna de um Deos, he a que Nós esperamos de vós. Tende pois a certeza, que se bem desempenhareis os vossos deveres,— Nós desde já vos anunciamos, em nome do Nosso Bom Deos, felicidade, paz, e socego neste Mundo; e no outro, a gloria sempiterna. Nós vos abençoamos, e de todo o nosso coração vos pedimos, que sejais boas para vós mesmas. Dada em Lisboa sob Nosso Signal, e sêllo das nossas armas, aos 2 de Abril de 1811.

Lugar do × Sello,

(Assignado) *D. José Bispo d'Elvas.*

Exhortação Pastoral, pela qual V. Excellencia se congratula com os seus Diocesanos pelo feliz successo das Armas Portuguezas, e Alliadas contra o inimigo commum, e admoésta as suas Diocesanas á applicação ao trabalho, e que fação cultivar as suas terras, na forma acima declarada.

Para V. Excellencia vêr, e assignar.

João Joaquim d' Andrade.

Sres Redactores do Investigador Portuguez.

Li no seu Periodico Nº. 26 deste anno de 1813, pag. 255.—Reflexões sobre a união das tres Guianas, Portugueza, Franceza, e Holandeza—Louvo muito ao Autor das ditas Reflexões o amor da gloria da sua Nação, que tambem he minha; mas por isso mesmo que dezejo o bem della, sou obrigado a dizer, que não confio muito na solidêz das ditas Reflexões; porque tendo ellas por baze, a amizade, ou a dependencia desta, ou daquella Nação, não podem deixar de sêr tão faliveis como a sua baze, por mais habil que sêja o Architecto: isto que a experiencia nos faz vêr todos os dias, acabamos de vêr praticado pelas Nações, que se dizião Amigas, e dependentes de Bonaparte.

Não sendo porêm a minha intenção entrar no exame do merecimento da obra, e só sim dar a razão, porque me aparto da opinião do Autor, e sustentar as em que me fundo; passo a dizer o que entendo, por maior bem da minha Nação em taes circumstancias, ficando livre a cada um seguir a openião que melhor lhe parecer, e ainda mesmo estimarei que algum Portuguez descubra melhores razões para o bem da nossa Nação, porque o meu interesse não he que prevalêça a minha opinão, mas sim que se descubra o verdadeiro bem dos Portuguezes, e que se execute logo, porque as cousas

agora não permittem demora; disse—Portuguez—porqne, ainda que respeito muito os grandes Homens das outras Nações, com tudo, quando se trata de interesses das Nações, desconfio muito de que elles sejão mais interessados a favor das suas, do que da minha.

Todos sabem que o interesse he a mola real do movimento das Nações; as amizades, os parentescos, a dependencia momentánea das circumstancias, e outras desta natureza são bagatelas: partindo pois do interesse real das Nações, que me parece uma baze solida, farei por deduzir de um tal ponto todos os meus discursos, com a mais restricta, e sevéra logica que couber nas minhas poucas forças, para demostrar o que entendo por maior bem de Portugal arespeito da união das Guianas, de que falla o Autor das Reflexões.

Portugal não precisa de mais terras no Brazil, precisa de guardar bem, e de conservar o muito que já ali tém, mas como não tém ainda bastantes braços em proporção da grandeza, e extenção dellas, para as defender da ambição estrangeira, deve procurar ajuda-los com as barreiras da Natureza, e com os de uma Nação, cujos interesses sejão os mesmos.

Portugal, e a Hespanha, éstas duas Nações, que a Natureza fêz para se amarem, e que erradamente

se tém olhado como inimigas, agora as suas mesmas desgraças acabão de lhes fazer conhecer, quaes são os seus verdadeiros interesses; a irrupção que fêz a França por consentimento da Hespanha pelos seus Estados contra Portugal, e os mútuos esforços, com que éstas duas Nações unidas conseguîrão lançar fóra da Peninsula o Inimigo commum, lhes ensinou para sempre, que a ruina de uma faz a da outra, e que ambas unidas são inconquistaveis; ou sêja pelas suas proprias forças, ou pelo interesse que todas as Nações tém no commercio de ambas, ou pelo exemplo que ellas dérem ás outras, de nada quererem do alheio, chamaráõ sempre em seu soccôrro todas as Nações contra o Inimigo commum.

Este mesmo acontecimento entre as duas Nações, tém feito vêr a todas as outras, que Portugal, e a Hespanha, que ellas reputavão em pouco, ou como já degeneradas dos seus Avôs, quando fizerão tremer e admirar o Mundo, são ainda as mesmas, fortes, e constantes, logo que ellas accordão do seu lethargo, e que um mesmo interesse as chama ás armas. Conhecido pois que o interesse destas duas Nações consiste na sua sincera, e verdadeira união, e mútua alliança sem rivalidade, he de absoluta necessidade que entre ellas se acabe a semente de toda a discordia.

Portugal, e a Hespanha desde longo tempo tém disputado sobre questões de limites, principalmente

na America, sem jamais conhecerem quaes erão os de que dependião os seus verdadeiros interesses; os Soberanos de ambas as Nações, nos plenos poderes que davão aos seus Ministros para os tratados de taes limites, sempre lhes recommendavão como primeiro objecto, e mais principal—que se assignálem os limites dos dois Dominios, tomando por balizas as paragens mais conhecidas, paraque em nenhum tempo se confundão, nem deem occasião a disputas, como são a origem, e curso dos rios, e montes mais notaveis (1)—

Sendo pois ésta a ley, e as sabias e justas intenções daquelles dois Soberanos, os seus Ministros, mais ambiciosos do que politicos, e verdadeiramente ignorantes do local de que tratavão, e que nem pintado conhecião, suppondo por um maior Servidor do seu Rey, e da sua Nação, aquelle que tivesse a habilidade de avançar sobre o outro um maior numero de legoas de terra, e isto em um continente tão dilatado, e dezerto, desprezavão a verdedeira intenção dos seus Soberanos, que não era a de fazerem conquistas, nem augmentar duvidas, mas sim a de se limitarem mutuamente pelas barreiras immutaveis da natureza; os Executores porém, só

---

(1) Vede o Tratado de Madrid de 13 de Janeiro de 1750 entre os Reys D. João 5º. de Portugal, e D. Fernando 6º. de Hespanha.

augmentavão duvidas, e deixavão as cousas em peôr estado.

Naquelles tempos em que as duas Nações erão sem disputa as unicas Senhoras do Continente d'America Meridional, a falta de conhecimento dos verdadeiros interesses de cada uma,fazia desconhecer os seus verdadeiros limites, o que ainda que era um mal, era com tudo um mal remediavel entre os Vassallos, porque vendo-se rodeados de terras immensas, e dezertas, se por uma parte os apertavão elles se alargavão para a outra; mas hoje que os olhos da Europa se voltão para aquella parte do Mundo, e que todos querem tér ali o seu quinhão, já não devem concervar os seus Dominios—pro indiviso—e como em commum, expostos ao primeiro capiente; mas sim he de absoluta necessidade, que fação os seus limites para cada uma saber o que he seu, e ambas defenderem o todo, antes que alguma Nação extranha se lhes mêtta de permeio.

A Providencia, sempre Bemfeitôra destas duas Nações, até lhes deu os dois maiores rios do Mundo para seus limites; se os seus governos se não aproveitarem com tempo para se compôrem, e acabarem todas as suas rivalidades, ambas seráõ perdidas, e em lugar de primeiras naquella parte do Mundo, seráõ as ultimas; não devem com tudo chamar, nem consentir, que algum estranho sêja o Juiz dos seus limites, e das suas contestações; o Juiz

das contestações entre Carlos 4° e seu filho Fernando 7°, deve ensinar a todas as Nações o quanto são perigosos taes arbitradôres, principalmente quando elles são os mais fortes; eu podéra apontar os perigos, e riscos, a que estão expostas as duas Nações, assim como tambem os interesses que lhes podem resultar de uma tal divisão pelos ditos dois rios; mas eu têmo abrir os olnos aos que talvêz se propônhão a sêr um dia os Inimigos da minha Patria; a minha tenção he só apontar o que me parece melhor para o bem das duas Nações—quis potest capere, capiat—

Estabelecidos pois os ditos dois grandes rios, o da Prata, e o das Amazonas, como limites das duas Nações limitrophes, ficando para Portugal tudo quanto se comprehende entre os ditos dois rios, e pelo certão, produzindo-se uma linha a mais aproximada possivel á recta desde a fóz do rio Yauari por uma das Missões Portuguezas dos Padres Carmelitas, denominados de S. Pedro, e de S. Paulo, situada na margem direita do Amazonas, onde principião as possessões Portuguezas por aquella parte, como descreve *Condamine*, na sua *voyage de la Riviere des Amazones, pag.* 86, correndo pelas cristas das serras mais altas até ás possessões Portuguezas de Matto Grosso até entrar no rio Jauru, um dos primeiros nascentes do rio Paraguai, que depois toma o nome de rio da Prata, ficando para Hespanha, em compensação das possessões, que ella têm da parte esquerda do Paraguai, todas as possesões que Portugal

tém, não só da parte esquerda do Amazonas, agoas vertentes das serras do mar para o poente, entrando para o rio negro, descuberto pelos Portuguezes um seculo antes do anno de 1743, em que, navegando por elle acimà, forão até entrar no grande rio Orinoco, (como diz o mesmo Condamine d. Voyag. pag. 116); mas tambem todas as possessões que tém Portugal, agoas virtentes das serras do mar para o Nascente, seguindo pelas costas do mar desde o cabo do Norte do Amozonas até o fim das duas Guyanas Luzo—Galas.

Quando porém pareça haver algum excesso nas possessões reciprocamente cedidas, se deve reputar por nada em comparação do grande, e inapreciavel bem, e interesses que resultão, e resultaráõ a ambas as Nações pela mútua divisão dos ditos dois rios, ficando tambem as Ilhas dos ditos rios pertencendo á Nação, cuja margem lhe ficar mais vezinha pela dita divisão, e os proprietarios das terras cedidas por uma Nação á outra poderão dispôr dellas como suas, ou ficarem Vassallos da Nação que melhor lhes convier para os seus interesses.

E'stas duas Nações, Senhoras unicas dos ditos dois grandes rios e suas Ilhas, não deixaráõ entrar, nem navegar por elles Nação alguma estrangeira, e só lhes poderáõ conceder o commercio livre nas suas grandes, e mais fortes Praças maritimas para isso designadas: para assim evitarem, que as suas posses-

sões sejão devassadas, e que se fação nellas contrabandos, julgando-se desde logo por incurso nas penas de Contrabandista, qualquer estrangeiro que fôr achado fóra das ditas praças de commercio, e poderá ficar livre o commercio para os Vassallos de ambas as ditas Nações, por toda a extensão dos ditos dois rios Paraguai, e Amazonas, conforme as ditas Nações ajustarem entre si.

He necessario porém advirtir que as liberdades do commercio, que uma Nação pertender que outra lhe concêda em favor dos seus Vassallos, deverá ella dar o exemplo, principiando por conceder a mesma liberdade aos Vassallos da outra, ficando com tudo livre a ambas, ou a cada uma dellas, apartar-se do contracto ainda depois de feito, logo que elle não fôr igual, ou prejudicial aos seus Vassallos: de outra sorte seria fazer uma Nação escrava da outra pela malicia, ou ignorancia de um Plenipotenciario, e ainda por muitos casos contingentes, e imprevistos, que só a experiencia do tempo ensina. Os Tratados de commercio são muito differentes dos Tratados de Páz: aquelles, por isso que são voluntarios, e que só têm por fim o interesse lucrativo das Nações contratantes, logo que céssa a causa, céssa tambem o seu effeito, nenhum Vassallo de uma tal Nação será tão tôlo, que vá comprar e vender aos Vassallos de uma Nação, que pônha embarassos ao seu commercio; qualquer Negociante sabe que he necessario proceder de boa fé pelo seu mesmo interesse, e os

tratados de páz, por isso que as Nações beligerantes só cédem por fôrça uma parte dos seus Direitos, ou interesses para se não arriscarem a perder tudo, ou uma maior parte das suas possessões, vém o cumprimento e execução delles a sêr por sua natureza obrigatorios, de justiça, e de necessidade.

A divisão de limites pelos ditos dois rios, e os arranjamentos que fição apontados em favor das ditas duas Nações naquella parte do Mundo, me parecem de absoluta necessidade; quanto porém á divisão de limites das ditas duas Nações na Peninsula, ainda que não sêja de tanta necessidade alteraram-se os limites, que os dividião, até antes do infeliz tratado de Badajoz, com tudo, considerando a união, e alliança destas duas Nações, como necessaria no nóvo estado das cousas para a segurança das possessões de ambas na Europa, e na America onde ellas são confinantes, e limitrophes, para que Portugal estivesse mais em estado de poder ajudar a Hespanha a defender a barreira dos Pyrineos por mar e por terra contra o Inimigo commum, me parece que serîa muito util para as duas Nações na Europa, que a Hespanha cedêsse a Portugal toda a Galiza, ou ao menos até o cabo de Finis—Terrea, e que Portugal cedêsse á Hespanha uma ou duas das Ilhas de Cabo-Verde, que mais proximas ficassem ás Ilhas Canarias de Hespanha, e naquelles mares mutuamente se ajudarem, e defenderem.

O Autor das ditas Reflexões, querendo mostrar a necessidade que Portugal têm de fazer a acquisição da Guiana Hollandeza, diz, que he necessario que Portugal principîe a temer com tempo os Estados-Unidos, e îr preparando barreira efficáz á torrente devastadôra, que se deve esperar da maldita ambição em um povo grande e vigoroso &ª. Se eu não estivesse persuadido da bôa fé do Auctor das ditas Reflexões, eu diria, que elle queria fazer um ataque falso para encubrir o verdadeiro, pois que não sei como o Brazil, que têm todas as proporções para sêr uma das maiores, mais rica, e mais poderosa Potencia d'America, logo que queira, possa têr mêdo de uma Nação, que principîa, cercada já de um vezinho forte pelo Canadá da parte do Norte, e da parte do Sul pelas Nações, que têm possessões no Archipelago do Mexico; e por todas as partes vigiada pela maior Potencia Maritima do Mundo, e que além disto, por terra lhe sería necessario atravessar meio Mundo pelas muitas possessões de Hespanha, e os grandes rios Orinoco, e Amazonas, e outros infinitos, antes de entrar no Brazil.

Da mesma sorte por mar, ainda suppondo que as outras Nações Maritimas, vezinhas dos paizes unidos da America deixassem passar livremente pelo meio dellas uma Esquadra, para îr conquistar o Brazil, teria de encontrar todas as difficuldades da navegação do Norte para o Sul até dobrar o Cabo de S. Roque, muita a l'Est, para entrar nos mares

da Costa do Brazil; o que não conseguiría sem vir buscar a altura das Ilhas dos Açôres, ou da Madeira, e em tal caso se fòsse possivel, serîa mais facil aos Estados Unidos d'America virem conquistar os Estados de Portugal da Europa, do que os do Brazil: todos os que conhecem a navegação daquelles mares sabem que do Pará, que está um gráu ao Sul da Linha, he mais facil vir a Lisbôa do que ao Rio de Janeiro, por causa das correntes das aguas, e dós ventos contrarios; mas se á vista de todas éstas difficuldades, ainda se houvesse de têr algum mêdo daquelles Papões (que sempre seráõ temiveis pelas suas fébres amaréllas) serîa mais uma razão para que os Estados do Portugal no Brazil se reconcentrássem mais entre os dois maiores rios do Mundo, afastando-se mais do Norte para o Sul.

O Auctor das ditas Reflexões devia tambem lembrar-se, que a conquista do Brazil não he tão facil, nem o negocio de um golpe de maõ, pois que quando a Hollanda, ha mais de um Seculo, assustava a Europa, e a um dos mais poderosos Soberanos daquelle tempo, forão dalli lançados fóra pelos Habitantes da Capitania de Pernambuco, e sem auxilio, nem ainda das outras Capitanias suas limitrophes, apesar das Ordens da Côrte, que lhes recommendava que se sugeitassem aos Holandezes, por sêr um menor mal perder uma Capitania do que todo o Reyno; aquelles valerosos Habitantes respondêrão— Se o Rey estivesse instruido do nosso zêlo, de seus

verdadeiros interesses, e dos nossos successos, em lugar de nos tirar as armas, elle nos animaría a seguir a nossa empreza*—Elles tinhão razão ; se Pernambuco ficasse então no Dominio da Holanda o Brazil já não sería hoje de Portugal.

Diz mais o Auctor das ditas Reflexões, que Portugal, para obter a Guiana Holandeza, deve ceder alguma das suas Ilhas, que Portugal tarde, ou cêdo será obrigado a abandonar. Se o Auctor falla de Inglaterra, hoje senhora da Guiana Holandeza, confesso que não sei porque titulo Portugal será obrigado a abandonar o que he seu: não por titulo de divida que Portugal dêva á Inglaterra, porque Portugal tém muito com que pague, sem fazer o sacrificio de ceder alguma de suas possessões; não por titulo de gratifição, por alguma fineza que Inglaterra fizesse a Portugal em o ajudar a sacudir do jugo do Usurpador uma pequena parte dos seus Estados na Europa, porque as finezas a este respeito estão reciprocamente pagas por todas as Nações beligerantes, pelo seu mesmo interesse, na razão do muito que cada uma tinha a ganhar ou perder na presente guerra, e talvêz que se Inglaterra não tivesse, como têve, um ponto de apoio em Portugal, não tería movido todo o Continente contra o Inimigo commum, ainda que a sua alavanca fôsse a de Ar-

* Histor Pphilos. tom 4 liv. 9. § 10, pag. 271

chimedes, e movida por braços de Gigantes. Se o grande Pitt não conseguiu o que hoje conséguem seus successores, foi porque não têve então o inapreciavel ponto de apoio da fidelidade Portugueza.

Tambem não me posso persuadir, que Inglaterra use da força paraque Portugal lhe cêda o que he seu, porque, Inglaterra acaba de protestar á face do Mundo, e das mesmas Nações beligerantes, que o seu fim he sustentar os direitos do fraco contra o forte; mas se o Auctor das ditas Reflexões entênde que ésta protestação de Inglaterra he mental, e só restricta á Europa, e não á America, nem á Africa, nem á Azia, não he a permutação, ou troca da Guiana Hollandeza por alguma das Ilhas de Portugal, a que hade livrar a Portugal d'essa violencia; outras devem sêr as providencias. As Ilhas que Portugal possúe no Mar Oceano, desde as fronteiras da Europa até ás da China, são de um valor inestimavel, não só pelo que ellas prodúzem, e podem produzir em utilidade de Portugal, mas tambem pela situação dellas em utilidade de todas as Nações Maritimas.

Os que têm viajado, ou examinado uma Carta Geografica, sábem que partindo-se da Europa para a China, e da China para a Europa, achão-se, como tantas estalagens nos portos, e nas Ilhas de Portugal, nas quaes se refazem de tudo quanto precisão;

uma só das ditas Ilhas cedida, ou deixada ao primeiro capiente, seria um Argel para todas as Nações Maritimas; em lugar de hospitalidade encontrarião hostilidade, e por isso he, e deve sêr do interesse de todas as Nações Maritimas e hoje beligerantes, não fazerem a páz geral, sem que Portugal sêja garantido, e conservado em todas as suas Ilhas, e possessões, como no estado em que ellas se achavão até antes do Tratado de Badajoz.

Portugal no Congresso geral das Nações deve figurar pelos seus Plenipotenciarios, como uma das Potencias actualmente beligerantes, e não por Procuradores, ou como afilhados de outro, deve insistir com as Potencias beligerantes suas Alliadas, e Consocias, para que a páz geral do Continente da Europa comprehênda tambem as possessões de Portugal Europêas, e ultramarinas, e a liberdade dos mares, que se declarem extinctos os systemas de protecções, e da chamada humanidade, deixando livre a cada Nação o seu direito de independencia de governar os seus Estados, conforme a humanidade, e equidade que lhe permittem as suas Leys, e as circumstancias em que se acharem, e não a Ley que lhe quizer dictar uma Nação Estrangeira, ou qualquer ambicioso, assim como tambem o de formar, e ajustar as suas allianças como melhor lhes parecer para os seus interesses, e as circumstancias o pedirem.

Se éstas bazes se não formarem agora, nenhuma Nação se poderá dizer livre e independente; um só será o supremo Arbitro de todas as Nações, e ficará proclamado o direito do mais forte; as Nações beligerantes não teráõ feito mais do que mudar o nome do Protector, ou do que se dizia Omnipotente e Supremo Arbitro da Europa; e em lugar de pôrem fim a uma guerra, dárem principio a duas, uma por mar, outra por terra, e será necessario que os dois Mundos, ou se separam um do outro, como empestados, e que as Nações, ou se limitem ao seu commercio, interno como na China, ou se recolhão aos seus antigos bosques, e ao seu primitivo estado de Selvagens, ou ao menos ao estado, em que ellas se achavão antes dos descubrimentos e navegação dos Portuguezes até o Japão.

C. × C. — B. × B. P.—B. E.

Senhores Redactores do Investigador Portuguez.

Ainda que cercado de mil trabalhos, e de afflicções de espirito, por dizer e sustentar a verdade, sem prefurto alguns instantes ao descanço do animal, para conversar com os defuntos, e com os que dão algumas noticias do grande Mundo, para á vista de huns e outros, combinando o presente com o passado, vêr se posso advinhar o futuro, para me acautelar com tempo, se poder, e avisar aos que me quizerem ouvir, dos bens e males, que esperão á nossa Nação, e á nossa Patria.

Entre os que dão noticias do grande Mundo vî que V. Mces, no seu N°. 27 do mez de Setembro deste anno de 1813, dizem—que muitos Politicos Portuguezes são de opinião, que se não levante o valor da moeda contra a opinião geral de todas as Nações civilizadas do Universo, e como eu sou um dos Portuguezes, que tive a manîa de escrever sobre os interesses da minha Nação, persuadido de que isto não era um crime, e em alguns dos meus discursos seguî a dita opinião, por me parecer verdadeira, não sei se V. Mces fallão comigo; mas sêja como fôr, eu não faço mais do que dar a razão do meu dito.

Perguntão V. Mces porque razão no Brazil se levantou o valor da prata e do cobre, e não se levantou tambem o do ouro, contra o exemplo de todas as

Nações civilizadas do Universo; e pela resposta á ésta pergunta, que V. Mces suppôem sem resposta, dizem, que esperárão eternamente: sêja me porém permittido dizer-lhes já, que cada um dá maior valor áquillo de que mais necessita; perguntaráõ V. Mces ainda mais admirados; por ventura o Brazil já não precisa de ouro? Eu lhes vou responder.

O ouro e a prata, ou se considérão como generos de commercio e de permutação, ou como representativos das estimações de todas as cousas commerciaveis, e então se diz moeda com o cunho do Rey, pelo qual se afiança ao publico, de que aquella porção de ouro, ou de prata cunhada, tém os quilates do metal, e do pezo da Ley do Soberano que a promulgou; Ley estabelecida no ouro pelos Reys de Portugal, e na prata pelos Reys de Hespanha, cada um no producto do seu terreno, assim como he livre a cada um pôr o preço á sua cousa.

Este preço ou valor,uma vêz estabelecido por Ley publica, as Nações civilizadas adoptárão taes generos por suas qualidades, para servirem de representativo de todos os generos commerciaveis, e como de unidade, medida, ou ponto de comparação universal para facilitarem os calculos da perda, ou do ganho do commercio. Sendo pois a prata, e o ouro adoptados, por uma especie de convensão geral entre asNações commerciantes, para representativos de todas as estimações das cousas commerciaveis, he claro que dando-se um maior valor de estimação ao repre

sentativo, se dará tambem ás cousas representadas na razão do augmento do' representativo; e desta sorte as Nações productoras de taes representativos não só nada ganharião no augmento do valor do seu representativo, mas até lhes tirarião a qualidade de uma unidade, e medida universal para os calculos de commercio das Nações, e isto em um tempo em que tanto se trabalha por estabelecer uma medida universal para todas as cousas, ainda mesmo não commerciaveis: uma tal alteração serîa um grande erro de politica, no qual não deve cahir uma Nação culta e civilizada.

Quanto porém arespeito das Naçoes não productoras de taes metaes, ou representativos, a razão he diversa, porque, abundando ellas dos generos representados no seu terreno, e sendo-lhes precizo faze-los passar, ou representar em outro terreno, dão nas suas Praças de commercio um maior valor aos generos representativos, do que nas outras Praças de commercio, á proporção da necessidade que delles têm cada uma dellas.

Daqui vem que aChina, o Indostão, a Inglaterra, e outras Nações que abundão dos generos represendados, e não têm os representativos em proporção, dão um maior valor ao genero de que mais necessitão, ou sêja para maior facilidade do giro do seu grande commercio, ou sêja para mais augmentar os generos do seu luxo, ou das suas fabricas de ouro e prata,

para depois de fabricados os venderem por dobrados preços, e pela maior parte aos mesmos que lhes vendêrão o ouro e a prata, assim como praticão os compradores, e fabricantes do algodão, e da lãm, que o tornão a vender com attenção ao seu primeiro preço, e ao trabalho das suas mãos.

Se porém o interesse de V M^{ces}. he que o Brazil dê um maior valôr de estimação ao seu ouro, no que eu tambem convenho, não lhe dê de palavra, dê-lhe realmente, faça-o mais raro, cave-o menos, trabalhe, e fabrique mais os generos que elle representa, e principalmente os do consumo do seu commercio interno, porque o externo, e de exportação sem marinha de commercio he perdido, e sem marinha de guerra he entregar aos lobos um rebanho de ovelhas sem postor, sem guarda, e sem defeza: o mesmo commercio que fêz unir as Nações, e lhes communicou tantas luzes, as fará separar um dia, contentes com as luzes que cada uma tiver adquirido: ellas conhecerão que he melhor vestir-se com a lãm das suas ovelhas, do que com as dos outros.

Ainda digo mais, se as Nacões beligerantes na paz geral do continente não afiançarem todas as possessões de Portugal, assim como fôrão pelo tratado de Utrech, Portugal não só ficará sem muita parte dos seus Estados, o que será em prejuizo das mesmas Nacões, interresadas no commercio de Portugal; mas tambem ficará sem braços para a cultura da suas terras do Brazil; e se na páz geral se não comprehenderem tambem os Estados Unidos

d'America; e a Hespanha Européa se não concordar com a America Hespanhola, a faisca que ali ficar abrazará toda a America, e os seus mares; e o vencedor na lucta, ou irá engolindo todas as marinhas das Nações maritimas, uma depois da outra, sem exceptuar os que fizerem artigos secretos, ou tratados parciaes, assim como fêz Bonaparte no Continente da Europa; ou obrigará a que todas lhe paguem tributos pezadissimos, para sustentarem os seus mesmos grilhões, como têm feito as Potencias barbarescas no Mediterraneo: eu não duvido que a um tal ambicioso succederá um dia o que vai succedendo a Bonaparte; mas se este antes da sua queda têm feito inundar de sangue todos os rios da Europa; aquelle fará de todos os mares um mar de sangue, antes que nelle sêja afogado; a semente das revoluções, com que tanto se têm revolvido o Mundo, têm ja produzido tanto, que um dia produzirá até nas cazas dos mesmos que a têm semeado.

Disse que o Brazil ficará sem braços para a cultura das suas terras, porque os pretextos de soccorrer a humanidade oprimida, e defender os direitos da liberdade do homem; pretextos que só serviráõ para mais oprimirem; e escravizarem os homens, se vão já desmascarando mais e mais; não contra a escravidão dos brancos, feita pelas continuas guerras, e pelas Nações barbarescas de Argel, Tunes, e de Tripoli; mas sim contra os brancos que vão resgatar da morte, ou de uma escravidão barbara os pretos d'Africa, porque os mais zelosos Filantropos,

contando já com a Africa como uma Colonia sua, ou como uma preza facil do primeiro capiente, não querem que dali se tirem braços, nem se resgatem escravos, que elles já contão como seus, ou sêja para cultivarem as terras das suas novas possessões da Africa, ou delles fazerem monopolio, para os venderem por altissimos preços aos que delles precizarem.

Diráõ talvez os echos dos taes chamados Filantropos, que tanto melhor será para o Brazil, porque será povoado de brancos, e de mais habeis cultivadores do que os pretos da Africa: isto só diz um ignorante do estado das cousas, ou que de propozito quer enganar,porque he necessario saber,que ametade da população da Europa, passando de repente para o Brazil, não o povoaria todo, do que resultaria ficar toda a Europa meia despovoada, e o Brazil meio povoado.

E como se trata de braços agricultôres; ainda supponde que amontoados nos seus transportes; que todos serião bem conduzidos, e á sua custa; que não estranharião o clima; que não morrerião tantos, como se diz que morrem os pretos da Africa na sua passagem para o Brazil, não obstante serem os climas quasi analogos, e a travessia da Africa para o Brazil tres vezes mais breve do que a da Europa para o Brazil; qual seria a utilidade que resultaria á Europa, ficar sem braços agricultores, ou ao menos sem a maior parte delles? Por ventura lugares dezertos

se povôão de um dia para o outro? Portugal tão pequeno como he, estava ja muito povoado, e até de Moiros, e desde o seu primeiro Rey até hoje, ha mais de setecentos annos, ainda o Alem-Tejo está muito despovoado,e ainda ha muitas charnecas, e baldîos.

E sendo um dever do Sabio, e prudente Lavrador escolher bôa semente, para não lançar na sua terra as sementes venenosas, ou podres, e corrompidas, seria justo e acertado que o Brazil se deixasse entulhar de repente da escória de todas as Nações, para vêr as suas terras mais depressa povoadas? E deixarião as outras Nações sahir o seu bom, e deixar o seu máo? Se dirá talvêz, que o comprador do escravo da Africa não póde tambem saber se elle he bom, porque ainda que o escolhe por fóra não o póde escolher por dentro? Sim, mas com a differença, que a malicia do homem selvagem nunca he tão refinada como a do homem civilizado; he como a de um menino para a de um homem já feito.

E pelo que pertence ao que se propôe a sêr o primeiro capiente das terras incultas e despovoadas da Africa, supporá elle tão bem, sêr muito facil a conquista das Nações barbaras, que a habitão em muita parte? Não se unirîão ellas contra o commum Inimigo? As mesmas Nações da Europa desenganadas de que não he o sentimento de humanidade, mas sim o espirito de conquista, o que move a taes Filantropos, não lhe disputarião uma tal con-

quista? E que braços não perderia elle nesta luta? Mas supponha-se que tudo se fazia em um só desembarque: as féras por veutura se domão em um dia? E que seculos não são precizos para se civilizar uma Nação? E entre tanto, que serîa das manufacturas, das fabricas, e da industria das Nações civilizadas? E com quem farião ellas o seu commercio? Com a Europa meia despovoada, e o resto trabalhando as suas terras pelas suas mãos para sustentarem a sua vida? Com a America, em quasi ou peor estado? Com a Africa em muito peor? Com a Azia, que não preciza das suas manufacturas, nem das suas fabricas?

Filosophos, que vos dizeis defensores da humanidade opprimida, e da liberdade dos homens, e que vos propozesteis a regenerar o Mundo, ou confessai que só o quizesteis destriur para o fazer ao vosso modo, ou que não conhecieis o Mundo, de cuja regeneração trataveis.

Senhores Redactores, ainda que não sêjão da minha opinião, (fundada com tudo em factos verdadeiros, que eu vi, e examinei por mim mesmo) como V. M^{ces} são Portuguezes, e interessados como eu no bem da nossa Nação, peço-lhes, que se dignem fazer inserir nos seus periodicos estes desvarîos; porque talvêz hajão entre Nós alguns Neutons, que se saibão aproveitar dos vortices, ou dos turbilhões dos Descartes.

C × C—B × B. P.—B. E.

Ao Serenissimo Senhor D. Pedro, Principe do Brazil, se dedica o seguinte

Problema.

— Dar-se a direcção que se quizer a um Balão que boia sobre o fluido da atmosféra—

A resolução deste Problema depende da resolução dos Theoremas seguintes

Theorema 1°.

— Dar-se um ponto de apoio na corrente do fluido da atmosféra sobre a qual o Balão boia.

Demonstração 1ª.

Sabe-se que um corpo que boia sobre a corrente de um fluido qualquer he levado pela corrente dêsse fluido sem alguma direcção: ora, he tambem sabido que um corpo boiante sobre um fluido qualquer, encontrando algum apoio, ou qualquer resistencia, ou embaraço nesse fluido, o corpo boiante muda de direcção; logo se a um Balão que boia sobre o fluido da corrente da atmosféra se dêr um ponto de apoio, ou de resistencia no mesmo fluido da atmosféra, o Balão mudará de direcção.

Demonstração 2ª.

Sabe-se que se a um corpo boiante, levado pela corrente de um flûido qualquer, dando-se um impulso, ou uma velocidade maior do que a da corrente do fluido, sobre o qual elle boia, o corpo boiante, impellido por uma força maior, forma no mesmo flûido duas correntes lateraes na razão inversa da velocidade do corpo boiante impellido: logo, se a um Balão boiante, levado pela corrente do fluido da atmosféra, se dêr um impulso, ou uma velocidade maior do que a da corrente do flûido da atmosféra, o Balão boiante, impellido por uma força maior, formará duas correntes lateraes no mesmo fluido da atmosféra, na razão inversa da velocidade do Balão boiante: ora, sabe se tambem que se dêsse corpo boiante se metter de encontro a uma déssas correntes lateraes, um corpo solido, por exemplo, um leme qualquer, proporcionado á resistencia da corrente lateral, o corpo boiante, encontrando uma rezistencia em um dos seus lados, por exemplo, o esquerdo, mudará de direcção sobre o lado esquerdo; o mesmo acontecerá ao corpo boiante encontrando a mesma resistencia no seu lado direito: logo, a um Balão boiante sobre o liquido da atmosféra succederá o mesmo; e por consequencia, fica resolvido o primeiro Theorema, consistente em—dar-se um ponto de apoio na corrente do fluido da atmosféra sobre a qual o Balão boia—

Theorema 2°.

— Dar-se uma força impulsiva no Balão de uma velocidade maior do que a da corrente do fluido da atmosféra sobre a qual o Balão boia.

Demonstração.

Sabe-se que o ár he um corpo elastico, que sendo comprimido por uma força qualquer, resiste á força da compressão por uma força igual de reacção. Sabe-se que o ár se comprime por força de maquinas artificiaes; e que tambem se sólta por meio de maquinas artificiaes, como por exemplo, de uma espingarda de vento, de um fole, de uma oelipida, pelo vapor d'agua quente, pela polvora inflamada &ª. Sabe-se tambem que o impulso do ár comprimido, sendo desenvolvido contra a atmosféra, he por ésta repellido por uma força igual de reacção, como se demostra em uma peça d'artilheria, que ao mesmo tempo em que dispára contra a atmosféra, a mesma peça disparante he repellida; logo, formando-se do Balão com a sua barquinha um só corpo, e nelle formando-se uma maquina impellente, ou disparante do ár desenvolvido contra a atmosféra, ésta, pela sua força de reacção repellente, dará a todo o corpo do Balão um impulso de velocidade maior do que a da corrente do fluido, sobre o qual o Balão boia; não he necessario que a força motriz, ou impellente, estêja sempre impellindo, como v. g. o vento, basta

que sêja repetida por vezes, como por exemplo, a vóga compassada de um escaler a remos: logo, está resolvido o segundo Theorema consistente em—dár-se uma força impulsiva no Balão de uma velocidade maior do que a da corrente do liquido da atmosféra sobre o qual o Balão boia (ésta theórica se póde tambem applicar em calmaría a qualquer embarcação sobre o mar ou qualquer rio, principalmente sendo a embarcação de guerra, fazendo-se disparar a artilheria na direcção da pôpa contra a atmosféra*)

Estando pois resolvidos os dois Theoremas acima propostos, como fica demostrado, fica tambem resolvido o Problema proposto, consistente em—dár-se a direcção que se quizer a um Balaõ que boia sobre o fluido da atmosféra.

Resta formar-se do Balão, e da sua barquinha um só corpo no qual se ajuste a maquina impellente do ár, para se conseguir o fim demonstrado; eu deixo a construcção da maquina impellente do ár aos habeis Mestres de taes maquinismos: eu só direi o que me parece a respeito da construcção do todo do Balão com a sua barquinha, ou naveta; e como se trata de formar um corpo volante, a figura de um pássaro parece sêr a mais propria.

---

* Vede a Nota no fim deste Discurso.

Faça-se ao redor do diametro do Balão na sua maior expansão um circulo de um solido o mais leve, e o mais forte possivel, v. g. de canas da India de que se fazem cadeiras e canapés, ou de faia, de sorte que tudo forme como a ossada do passaro: no dito circulo se ponhaõ quatro columnas bem prezas, que prendão tambem na barquinha do Balão, e sendo necessario maior segurança se enerve, ou se cubra tudo de couro forte bem çozido, e bem apertado, além das cordas com que se costuma prender a barquinha no Balão; das duas columnas do circulo do Balão se forme o pescôço do passaro com lascas das mesmas canas, coberto com lona, brim, ou estopa; e das outras duas columnas se forme da mesma sorte o resto do passaro; e o rabo formado de duas canas póde servir de léme, feito, e ajustado do melhor modo possivel, para se dárem todos os movimentos que se quizer para a direcção do Balão; e no meio das quatro columnas deveráõ ficar aberturas para a entrada, e sahida commoda dos Aeronautas, além das janéllas, ou aberturas que se quizerem deixar, ou abrir no formado corpo do pássaro.

Tambem se poderáõ ajustar ao circulo, ou cinta do Balão duas como azas, que se possão abrir, e fechar, como se quizer, não só para facilitaram os movimentos, e o vôo do Balão, mas tambem para servirem de—paraquéda— no caso de qualquer desgraça, bem entendido, que a barquinha, e o Balão devem sêr de uma grandeza capáz de voar com dois

homens, para se ajudarem mutuamente no manêjo delle, além da maquina impellente do ar, e dos instrumentos, e ingredientes necessarios para o gáz, do Balão; o todo do passáro pode sêr pintado em forma de penas, com as côres que mais agradarem ao Artista, e que melhor se vejão ao longe.

Os ensaios de tudo o que fica demonstrado, e as repetidas experiencias, feitas pelos Mestres da Arte faráõ vêr em melhor luz este projecto: eu me contento de têr desafiado aos valerosos Aeronautas a fazerem novas tentativas para se conseguir o fim do grande e util descubrimento dős Balões volantes, ou maquinas aerostaticas; eu só peço em recompensa do meu trabalho, que no peito do pássaro se pônha a seguinte inscripção.

— O Pássaro do Brazil
Voando em giro rotundo
Levará riquezas mil
A's Gentes de todo o Mundo—

E no circulo ao redór da inscripção, as seguintes letras.

C × C—B × B. P.—B. E

Nota. Ainda que acima disse que a teórica dos Balões se póde tambem applicar a qualquer embarcação grande em calmarîa, com tudo, devo advertir, 1°, que as pessas ou maquinas disparantes contra a atmosféra devem estar firmes na pôpa da embarcação, paraque possão communicar-lhe todo o seu impulso ou força de reacção : 2°, que não se devem disparar todas as pessas ou forsas impulsivas a um tempo, para que com o seu grande chóque repentino não cause algum prejuizo á embarcação, ou aos navegantes ; mas sim se devem disparar as pessas ou maquinas impellentes com algum breve intervallo de tempo humas depois das outras, assim como pratição os prudentes Pilotos, que não soltão a um tempo todas as vélas do seu navio, mas sim pouco a pouco, humas depois das outras, até que o navio se pônha em marcha, e se fôsse possivel, que todas as vélas tivessem nos seus punhos, ou nas suas trossas, que prendem as vêrgas aos mastros humas molas bem fortes, capazes de resistir á força impulsiva do vento, a embarcação ganharîa na velocidade tudo quanto perde quando mergulha a prôa abaixo da linha orizontal.

MEMORIA

Apprezentada na Academia

REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA

PELO SEU SÓCIO O

Excellentissimo D. Joze Joaquim da Cunha

de Azeredo Coutinho

BISPO D'ELVAS;

EM OUTRO TEMPO

Bispo de Pernambuco.

MEMORIA.

EU não pertendo sahir a Campo a disputar o terreno, que M^r^ Thomaz têm ganhado com tanta gloria na carreira da eloquencia, tecendo o elogio dos seus Heroes, entre os quaes apparece o de Renato Du-Guay Trouin, Tenente General das Armadas da França, que disse vencedor da inconquistavel Praça do Rio de Janeiro; este elogio, em que M^r^ Thomaz ajuntou ao mesmo tempo á elevação, e á nobreza dos pensamentos, a grandeza, e o sublime das imagens, a correcção do estilo, e a força das expressões; apezar de vêr nelle tão desfigurados os factos, algumas vezes me encanta, e me arrebata. Eu não pertendo tão pouco escurecer, nem ainda diminuir, a gloria do General da França, e do seu Heróe: eu só venho defender a honra da minha Patria, e do nome Portuguez, a fidelidade, e o valor dos meus Concidadãos, tão injustamente offendido no meio da França, e á face do Mundo.

Se Du-Guax Trouin não tivesse tido outra gloria mais do que a de vencedor da minha Patria, nem toda a força da eloquencia de M^r^ Thomaz o faria

transmittir á posteridade no Throno dos seus Heroes: elle só passaría por um intrigante, que sabe comprar uma Praça a um indigno Official, que degenerado do tronco dos seus Avós se esquece do que deve a si, a seus Pays, e á sua Nação; a um infame Governador, que achando-se encarregado de a defender, sacrifica a honra da Nação á insaciavel cubiça do seu vil interesse.

Eu não tenho outras armas mais do que o fôgo que me abraza para a defeza da minha Patria; este fôgo abrazador fará sem duvida, que eu balbuciente não acerte a formar um só periodo; mas elle não fará que eu perca jamais de vista o inimigo, que ataca a honra dos meos Concidadaõs, e da minha Patria; as minhas forças são a justiça da minha causa, e a verdade dos acontecimentos: ésta por si só he tanto mais eloquente, quanto ella se apresenta mais simples, e menos ornada.

Mr. Thomaz pinta as fortificações do Rio de Janeiro no anno 1711 em que Du-Guay Trouin entrou naquelle porto, como no estado, e ainda mais, em que ellas se achárão cincoenta annos depois, no de 1761, em que elle apresentou o seu discurso á Academia Franceza: este anachronismo he imperdoavel; a data só do estabelecimento de cada uma daquellas fortificacões(1), ou ao menos dos novos fortes, que se

(1) A fortaleza da Ilha das Cobras foi melhorada pelo Brigadeiro Joze da Silva Páes, que em 1736 partiu de Lisboa para deliniar as fortificações daquella parte d'America.

lhes accrescentáraõ depois (1) he mais que bastante para mortrar a exageraçaõ de M[r] Thomaz; elle confundiu as fortificações da natureza com as da arte, á sombra daquellas exagerou éstas; mas aquellas saõ pouco, ou nada fortes, quando naõ saõ auxiliadas por éstas; eu me callo por um pouco, para ouvir a M[r], Thomaz (2) exagerar a conquista do seu Heroe;

" Eu vejo, diz Mr. Thomaz, um porto, cuja en-
" trada estreita, e ainda apertada por um rochedo, he
" defendido por ambas as partes por um grande nu-
" mero de fortalezas. Trezentos trovões dispostos
" sobre a sua passagem, e combinados na sua acção,
" cruzão os seus fógos: no meio da entrada, sete náos
" de guerra apresentão uma barreira formidavel (3):
" além dellas se elevão novas obras, torres, para-peitos,
" bastiões, e ilhas fortificadas. Depois de tantas bar-
" reiras está a Cidade do Rio de Janeiro situada no
" meio de tres montanhas que a defendem, e que
" a cobrem: cada uma destas montanhas he coberta
" de baterías, cuja artilheria parece trovejar do alto
" dos Céos. Por toda a parte eu vejo fortes trin-
" cheiras, fóssos, canhões, e dentro do recinto das
" muralhas um exercito de doze mil homens discipli-
" nados na Europa (4).

---

(1) Souz. Histor. Gen. da C. R. tom. 8. pag. 129.

(2) Eloge de Eu-Guay Trouin. pag. 126.

(3) Veja-se a conta da Camara no §. 2º.

(4) Nunca o Rio de Janeiro teve tanta Tropa de Linha, ao menos até o anno de 1711, em que foi saqueada aquelle Praça.

" Du-Guay Trouin deu o signal para forçar a
" entrada do porto: trezentas peças de artilheria
" vomitão a morte ao redor delle. De tres partes
" o raio vém bater ás suas náos; Du-Guay Trouin
" inabalavel entra de um passo sempre igual pelo
" meio das torrentes de fôgo. O inimigo se admi-
" ra, e a entrada he forçada (1). O dia alumiou
" este triumpho, e a noite ouvio trovejar suas bom-
" bas, que voão aos ares, e que vão esmagar os
" Cidadãos debaixo dos seus tectos. Um novo
" combate começa com o dia. Uma Ilha (2), porto
" importante, he atacada, e levada por assalto.
" Os Portuguezes com suas proprias maõs pozerão
" fôgo ás suas náos (3). Tudo está pronto para o
" desembarque. Movimentos complicados, e falsos
" ataques enganão o inimigo: e o Exercito Fran-
" cez saltou em terra . . .

" Mas a victoria ainda he incerta. Os inimigos
" juntárão as suas tropas dispersas; poderosos soc-
" corros se apressão a soccorre-los; Albuquerque(4)
" se aproxima á testa de um exercito: Albuquer-

---

(1) Veja-se dita conta no §. 2o.

(2) A Ilha, de que se trata aqui, se denomina a Ilha das Cobras.

(3) Veja-se a carta da Camara no §. 3o.

(4) Confessa Mr. Thomaz, que Albuquerque chegava com soccorros. e que a victoria ainda era incerta. Veja-se a carta da Camara no § 14.

" que famoso pelos triumphos, o seu nome he entre
" os Portuguezes o signal da victoria. Du-Guay
" Trouin têm tudo prevenido para se defender . . . .
" os Soldados formados em batalha apresentão um
" aspecto formidavel, e ajuntão a intrepidêz dos
" Francezes á soberba dos vencedores. Ésta auda-
" cia do Heroe lhe valêo uma batalha (1). Os ini-
" migos subjugados pelo terror vém tratar do res-
" gate da Cidade, e offerecer-lhe todo o ouro da
" sua Colonia. Já elle tem dictado a Ley, e rece-
" bido os refens. *Em vão Albuquerque chega (2)*
" *no dia seguinte na frente de um Exercito de*
" *quinze mil homens ; em vão alguns Portuguezes*
" *dezejosos de vir ás mãos, porque elles se crião*
" *seguros de vencer, sustentão que a victoria justi-*
" *fica tudo*, e que a perfidia feliz deixa logo de sêr
" um crime. Du-Guay Trouin não permitte a
" estes Inimigos praticar tão perniciosa maxima.
" Sempre prompto a combater, faz acabar a exe-
" cução do Tratado (3), e os Soldados com o férro
" em uma mão levão com a outra violentamente as
" riquezas do Brazil."

---

(1) Mr. Thomaz confessa, que o seu Heroe venceo sem dar batalha. Veja-se a Carta da Camara no §. 11, e seguintes.

(2) Confessa Mr. Thomaz, que Albuquerque no dia seguinte ao da entrega dita chegou com quinze mil homens a soccorrer aquella Cidade, e que os Portuguezes seguros de vencer, instavão para virem ás mãos com o inimigo. Veja-se a dita Carta no § 14.

(3) Confessa Mr. Thomaz, que o Tratado ainda não estava concluido, quando chegou Albuquerque. Veja-se a dita Carta nos §§, 14. e 15

Basta já de ouvir a Mr. Thomaz, que excedendo os limites de um orador, passou aos excessos de um Poeta; he tempo de o obrigar a que, ou diga a verdade núa e simples, ou confesse á face do Mundo, que elle foi enganado porquem lhe referiu a historia da supposta conquista do Rio de Janeiro por Du-Guay Trouin. Confessa Mr. Thomaz, que a victoria estava ainda duvidosa, quando o seu Heróe saltou em terra; elle diz que o só aspecto formidavel, que apresentárão os seus Soldados formados, e a audacia do seu Heróe lhe valêo uma batalha; elle diz que um Exercito de doze mil homens, disciplinados na Europa, cobertos de fóssos, trincheiras, e baluartes, subjugados pelo terror, forão tratar com elle do resgate da Cidade, e offerecer-lhe todo o ouro da sua Colonia: quem jamais poderá crer tantas patranhas? Quem não vê que aquella Praça, ou não estava tão guarnecida, como diz Mr. Thomaz, ou que ella foi entregue de propozito, por aquelle mesmo, que encarregado de a defender, tinha todas as forças fechadas na sua mão? Mr. Thomaz vai já confessar que ella foi entregue de proposito; que os Cidadãos perdêrão as suas fazendas, e que forão sacrificados, apezar do valor com que se mostrárão.

Confessa Mr. Thomaz, que no dia seguinte ao Tratado que o Governador tinha feito com Du-Guay Trouin, chegou Albuquerque na frente de um Exercito de 15000 homens: he crivel, que Albuquerque indo a soccorrer aquella Praça não tivesse

avisado ao Governador d'ella da sua proximidade, e da sua marcha? He crivel que Albuquerque com 15,,000 homens fizesse tão pouco estrondo, e se aproximasse com tanto segredo áquella Praça, que o Governador della não tivesse a mais leve noticia da proxima chegada daquelle grande soccorro, para debaixo de qualquer pretexto demorar um dia a conclusão daquelle Tratado ? (1) A grande precipitação com que o dito Governador fêz aquelle Tratado serîa talvêz pelo grande aperto em que se achava aquella Praça? Não certamente ; porque diz Mr. Thomaz, que a só formidavel frente que apresentárão os Soldados, e a audacia do seu General, lhe valêrão uma batalha, e por consequencia que sem dar hum só tiro, doze mil homens disciplinados na Europa, bem entrencheirados recebêrão a Ley de Du-Guay Trouin. Serîa talvêz pela fraqueza daquelles moradores? Não certamente; porque Mr. Thomaz he o mesmo que confessa, que elles estavão dezejosos de vir ás mãos,porque, elles se crião seguros de vencer (2). Logo he necessario que Mr. Thomaz ou confesse que estava sonhando quando fêz o seu elogio, ou que a entrega d aquella Cidade tinha

---

(1) Veja-se a dita Carta da Camara no § 14 no fim das palavras—E como chegárão noticias de que este se avizinhava—&a, e no §. 15. no fim das palavras—era tão grande o empenho, que tinha o dito Governador, de concluir a dita capitulação &a.

(2) Mr. Thomáz concorda como que diz a Camara na sua Carta aos § §. 10, 11, 12, 13, 14

sido uma venda já muito d'antes covencionada entre aquelle Governador, e Du-Guay Trouin para repartirem entre si o rico espolio daquella grande Praça de Commercio.

Diz Mr. Thomáz, que Du-Guay Trouin querendo restaurar a perda de Mr. Duclerc, que no anno de 1710, indo atacar a Praça do Rio de Janeiro, ficára nella prisioneiro, se apresentára á sua Corte para tomar vingança, porém que o Estado, exaurido de meios por dez annos de guerra, por tantas batalhas perdidas, pela fome, e pela esterilidade que seguio o horroroso inverno de 1709, não lhe podendo dar algum soccôrro, uma companhia de Negociantes fêz o que o Estado não pôde fazer (1): eis-aqui o Heróe de Mr. Thomaz com pouca differença de um Pirata, a soldo de uma compauhia de Negociantes, constituido executôr das suas ordens, como seu caixeiro. Ora todo o Mundo sabe, que um dos primeiros objectos do Negociante he o seu interesse, Mr. Thomaz he o mesmo que confessa, que o interesse veio a ser o Ministro da gloria (2). Todos sabem que he da natureza do interesse do Commerciante, não arriscar o seu dinheiro sem uma esperança bem fundada do ganho.

---

(1) Mr. Thomaz d. Elog. tom. 1. part. I not. 1. pag. 125.

(2) Mr. Thomaz d. Elog. pag. 126.—L'interet devient le ministre de la glorie.—

Aquella Companhia de Negociantes fêz uma despeza, e um armamento tão grande, e tão formidavel, que só a sua vista valêo uma batalha, como diz Mr. Thomaz; enchêo de terror, e fez render as armas a doze mil homens de tropas disciplinadas na Europa, a quinze mil homens do centro das Minas, commandados por Albuquerque, e mais de seis, ou oito mil homens de Tropas Milicianas daquella Cidade e seus contôrnos: he crivel pois, que um armamento desta natureza, que despezas de tantos milhões se fizessem por aquelles negociantes sem uma quasi certeza dos seus grandes lucros e interesses? Uma grande Companhia de Negociantes pelos seus interesses está ligada com todo o Mundo; seria por ventura difficultoso áquelles Negociantes metterem nos seus interesses aquelles mesmos que devião defender aquella rica Praça (1)? Mr. Thomaz confessa que Du-Guay Trouin fêz os seus primeiros estudos na escolla do corso, e da pirataria; quem pois poderia sêr melhor escolhido para uma empreza de ganho e de interesse?

Todos sabem que nos ataques de mar, e de terra, em que ha desembarques ha sempre dois Generaes, um do mar, outro da terra, pelas diversas combinações a que estão sujeitos os dois corpos atacantes, pelas variedades das respectivas circumstancias; e

(1) Veja-se a Carta da Camara, no §. 13.

desta tão grande, e tão arriscada empreza diz Mr. Thomaz, que Du-Guay Trouin era unico General do mar, e de terra (1); quem não vê que tudo isto foi um fingimento para enganar o Soberano, e aquelles miseraveis povos sacrificados pela sua mesma obediencia? Quem não vê que Du-Guay Trouin foi um méro recebedor d'aquelle rico espolio, que já muito d'antes estava contratado, e vendido?

Eu deixo já a Mr. Thomaz envergonhado de têr manchado a honra da sua Nação, mettendo um Corsario no numero dos seus Heróes. Eu vou já apresentar a esta respeitavel Assembléa um monumento, que serve de chave para a intelligencia dos encantamentos, com que Du-Guay Trouin conquistou o Rio de Janeiro, encantamentos pelo meio dos quaes, apenas Du-Guay Trouin se apresentava com audacia, milhares de soldados bem disciplinados, abatidos de terror, cahião a seus pés: eu não farei mais do que repetir as palavras com que em 28 de Novembro de 1711 se queixou o Senado da Camara da Cidade do Rio de Janeiro ao Senhor D. João 5° contra o Governador, que então era daquella Capitania, que tendo ás suas ordens todas as forças daquella praça, só se servio dellas para mais facilmente a entregar ao saque dos seus socios, e dos seus companheiros na partilha. Veja-se a Copia da Carta que se segue.

---

(1) Mr. Thomaz d. Elog. pag. 127.

Copia da Conta que a Câmara da Cidade do Rio de Janeiro deu ao Senhor Rey D. João 5°, da entrega que o Governador della N. fêz ao Almirante Francez Du-Guay Trouin em 1711, *extrahida do livro do registo das Contas da mesma Câmara a fol.* 179.

§. I.

Senhor—Não bastou nem o risco, emque ésta Praça se viu o anno passado com a primeira invazão do Inimigo, nem as advertencias de pessoas principaes, e particulares deste povo, para que o Governador N. (1) cuidasse na prevenção das Fortalezas, em que consistia a segurança, e defeza desta Praça, devendo reservar para ellas o consideravel cabedal, que consumiu na reedificação do Palacio dos Governadores, nem foi bastante o Aviso que V. Magestade foi Servido mandar da Armada, que

(1) Aindaque nesta conta se declara positivamente o nome do Governador, que então era do Rio de Janeiro, com tudo, como delle existem alguns descendentes, que se portão como homens honrados, de proposito occulto o seu nome, para não os mortificar com a lembrança do nome daquelle seu Ascendente; mas ésta consideração não deve sêr bastante para deixar eu de dizer a verdade, nem consentir que por mais tempo continúe a deshonra da minha Patria, e dos meus Concidadãos tão injustamente offendida por aquelle Portuguez degenerado.

em França se preparava contra ésta Cidade, para que o movsêse a dispôr os meios necessarios para os incidentes que se offerecessem, como são obrigados os Vassallos, a cujo cargo estão similhantes lugares.

§ II.

Em o ultimo de Agosto deste anno chegou á este porto o paquete, em que V. Magestade foi servido mandar o Aviso da Armada, que em França se preparava contra ésta Cidade; e já em 5 do mesmo mez tinha feito Joze de Moura Côrte Real, outro Aviso, de Cabo-Frio, (donde he Sargento-Mór) ao Governador N., que sobre as Ilhas de Santa Anna apparecião dezaseis Náos (1): com ésta noticia mandou o Governador tocar a rebate, guarnecendo todas as Fortalezas de gente; e o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa mandou pôr na barra as quatro Náos de V. Magestade, duas Inglezas, e algumas mercantes Portuguezas, e com ellas as preparações, que parecião fazer inconquistavel a terra (como na verdade o fôra se continuára:) mas com o motivo de que fôra falsa a noticia, se mandárão retirar as Náos particulares, e as de V. Magestade,

(1) Antes de chegar Aviso de Lisboa, já em Cabo-Frio se vião as Náos inimigas; a demora daquelle Aviso não acredita muito a fidelidade, e vigilancia dos que o passárão, ou mandárão passar.

com o pretexto do muito gasto que fazião, e com o mesmo fundamento mandou o dito Governador retirar das Fortalezas a guarnição, que lhes havia mettido, deixando-as tão destituidas de gente, como não costumão estar, nem ainda em tempo de paz (1).

§ III.

Com sessenta homens (entrando neste numero os remeiros de uma, ou duas lanchas da armação das baleias, que acaso possárão) se achava a Fortaleza de Santa Cruz da barra, e a de S. João ainda com menos, no dia 12 de Setembro, em que appareceu, e entrou a Armada Franceza, que constava de dezaseis Náos de guerra, e dois Burlotes de fogo; e se lhes fêz tão pouco das Fortalezas, que mais parecia salva do que pelêja, vencendo todas as Náos por esta causa os riscos que poderião têr, se estivessem as Fortalezas prevenidas, como fazia precizo a obrigação de quem governava. Com este principio de victoria entrou o inimigo a barra ás duas horas do mesmo dia, em que appareceu; e para nós se accrescentou a desgraça pela perda das Náos de V Magestade, que tendo sida mandadas encalhar se impossibilitárão para a pelêja, sendo necessario

(1) As Fortalezas da barra estavão sem guarnição.

no dia seguinte mandar-lhes o Sargento-Mór de Batalha Gaspar de Atayde metter fôgo, pelos motivos de que elle dará conta a V. Magestade.

§ IV.

He inexplicavel a ommissão, com que se houve o Governador N. na defeza desta Cidade, dispondo desde o principio a sua entrega de tal forma, que ainda o Francez não tinha recolhido toda a sua Armada, quando mandou desamparar a Fortaleza da Ilha das Cobras, sendo um dos lugares que serve de padrasto á Cidade, e que com a sua artilharia podia destruir a mesma Armada depois de ancorada (1). E vendo o Sargento-Mór de Batalha Gaspar da Costa desamparada esta Ilha, e considerando os damnos que della podiamos receber, nomeou trezentos homens, e os offereceu ao Governador para os fazer servir na defeza desta Praça; o que se desvaneceu por pretextos, que não podemos averiguar, e nesta forma achando o inimigo a Ilha, e seu Forte sem guarnição, na manhã do dia seguinte 13 de Setembro a occupou, montando-lhe logo trinta e duas peças de artilharia, que havia tirado da Náo Barroquinha, que o mesmo inimigo havia livrado do incendio, e quatro morteiros com que começou a bater, não só a Fortaleza de S. Sebastião,

(1) Nota bene.

que serve de Castello á Cidade, e onde está o armazem da polvora; mas tambem o Mosteiro de S. Bento, que fica em outra ponta da Cidade, e em que havia um Forte, feito e guarnecido de artilharia pela industria dos Religiosos do mesmo Mosteiro, no qual pelejava com a sua infanteria o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa de Atayde.

§ V.

Estando o inimigo já de pósse da Ilha das Cobras, dispôz senhorear-se de um sitio chamado do Pina; e achando-se junto a elle um Patacho, de que era Mestre João Martins de Almeida, com nove homens que somente tinha, lhe impediu o desembarque (1); mas vendo o dito Almeida que o inimigo voltava com dobrada força, estando já rendidos ao trabalho, os poucos que tinha com sigo, mandou pedir ao Governor N. o soccorresse com vinte homens, e sendo ésta paragem uma das em que o dito Governador devia têr particular vigilancia, porque juntamente podia o inimigo d'ali impedir a principal entrada da serventia da Cidade para toda a terra firme, e fazer-se Senhor de uma fonte, em que as Náos fazem as suas aguadas, e acabar de dominar toda a bahia, que serve de ancoragem aos Navios,

(1) Nota; o Mestre de um Patacho com nove homens impediu ao inimigo o desembarque.

O

não só lhe não mandou soccôrro algum, antes lhe ordenou que se retirasse, deixando o passo franco ao inimigo, que sem dilação occupou o sitio que pertendia, em que montou logo a artilharia (1).

§ VI.

E vendo o inimigo que havia occupado dois lugares tão importantes sem oppozição alguma, com mais confiança se deliberou a occupar outro, em que podesse dominar a Cidade pela parte do Certão; e com effeito, em a noite de 14 de Setembro quiz lançar gente na praia chamada do Vallongo, e sendo sentido das Sentinellas, se retirou; e vindo éstas dar parte ao Governadôr, respondeo muito socegado, que o que havião visto fôra um pedaço de mastro acêzo; e chegando-nos ésta noticia, mandámos examinar por Officiaes de Justiça a certeza deste incidente, e achando-se sêr verdadeiro, fômos em corpo de Camara advertir ao dito Governador, o qual respondeo o mesmo que já havia dito. Com semelhante dissimulação deu o Governador tempo a que o inimigo naquella noite lançasse na mesma paragem (achando-al dezerta) duas lanchas de gente, e dando-se disto noticia, e de que o inimigo vinha, e com mais lanchas, se offereceu o Sargento Mór Domingos Henriques, e Capitaes do seu terço a ir impedir o desembarque ao inimigo, e desalojar o que estava em

(1) Nota bene.

terra; e alcançando licença, destacou com o seu regimento: mas logo que sahiu fóra das trincheiras, em distancia de mais de mil e quinhentos passos, lhe sahiu ao encontro o Mestre de Campo João de Paiva, (1) ordenando ao Cabo não passasse adiante sem nova ordem; e voltando para o alojamento do Governador, tornou com ordem que se retirasse.

§. VII.

Com estas desordens têve o inimigo tempo para se senhorear do monte, e o fôra de toda a campanha, se não estivéra Bento do Amaral Coutinho, uma das pessoas principaes desta Cidade, com cento e cincoenta homens, que sustentava á sua custa, aquartelado na bica dos Marinheiros, que he a fonte aonde as Náos fazem aguadas, para impedir que a não fizessem os inimigos, nem nos tomassem aquella entrada, que he a unica pela qual se communica a Cidade com o paiz; e impaciente o dito Coutinho de vêr o inimigo tão socegado, atacando a Cidade sem resistencia alguma, marchou a îr desaloja-lo do monte; e avisou ao Governador para que o soccorresse, e investindo ao monte, o fêz com tão bom successo, que estando o inimigo ao pé delle aquartelado em uma casa a largou, e se foi retirando para o alto, mostrando que queria descer para a

(1) Note-se, que este Paiva era o principal Agente do Governador.

parte do mar, e a tempo em que o dito Coutinho seguia o inimigo, mandou o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa um troço de gente a encorporar-se com elle; e o mesmo fêz o Governador; mas logo depois mandou este retirar a todos; e vendo o dito Bento do Amaral Coutinho ésta desordem, mandou dizer ao Governador, que visto entender não convinha se investisse o inimigo, ao menos mandasse arrasar aquella casa, para que não se fortificasse nella: ao que respondeu o Governador, que era desnecessario demolir-se a casa; e que elle se recolhesse logo.

§. VIII.

Na noite do mesmo dia, tendo Bento do Amaral Coutinho noticia, pelas sentinéllas que trazia, que o inimigo com mais poder se fortificava na mesma casa, mandou pedir soccorro ao Governador, para na madrugada seguinte torna-lo a investir; e com effeito, estando Bento do Amaral Coutinho pelejando já com um corpo de gente do inimigo, que teria oitocentos homens, mandou o Governador soccorre-lo com dois troços, e o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa com outros dois; mas logo que o Capitão Manoel Gomes, e o seu Alferes Balthazar Rodrigues montárão as trincheiras do inimigo, a toda a pressa lhes mandou o Governador tocar a recolher, a tempo em que da parte do inimigo havião dezoito mortos, e mais de trinta feridos, como

se soube por uma Sentinélla, que na noite seguinte foi preza por Bento do Amaral Coutinho; não havendo da nossa parte mais damno do que o de dois mortos, e sete feridos,

§ IX.

Na Sexta-feira seguinte, que se contárão dezoito do mesmo mez, tendo-se o inimigo fortificado no monte de que se trata, e com tres baterîas de artilharia na Ilha das Cobras, e mais quatro morteiros, e na Ilha do Pina com outra baterîa bem artilhada, com que até este tempo, brandamente e sem effeito atirava para a Cidade, e Fortalezas; mandou ás nove horas da manhã um Boletim com uma carta, que em summa pedia se lhe rendessem á obediencia d'El-Rey de França, e lhe entregassem os seus prisioneiros, estra..hando o máo tratamento que lhes havião feito, e os matadores do seu General, porque os queria castigar como merecia o seu delicto; ao que se respondeu, que aos seus prisioneiros se tratou conforme o estado da terra; e que dos matadores do seu General se não soubéra; e quanto á entrega da terra, se achava com muita gente, polvora, e balla para a defender, e recolhido com ésta resposta o Boletim, começárão a jogar com todas as batarias, e bombas.

§ X.

Vendo Bento do Amaral Coutinho, que se não fazia operação alguma com que se frustrassem os in-

tentos do Inimigo, no mesmo dia foi têr com o Governador, pedindo-lhe gente para poder atacar em roda o monte, em que estava o Inimigo; e suppôsto o Governador lhe disse mandaría mil homens repartidos em quatro trossos, de que erão Cabos o Sargento-Mór Pedro da Azambuja, Antonio Corrêa Barboza Cidadão e Natural desta Cidade, e o Sargento Mór Martim Corrêa de Sá, e o Capitão Pedro de Souza, com tudo, começando a vanguarda a marchar ás oito horas da noite, com taes pretextos a foi o Governador demorando, que passava de meia noite, e não tinha chegado ao lugar determinado, estando este á vista da Cidade em distancia de tiro de peça; e não tendo ainda a esse tempo principiado a marchar a retaguarda, mandou o Governador recolher a todos, com o falso pretexto de que, podia investir o Inimigo pelo lugar do Morrinho; e desta sorte se frustrárão todas as occaziões que se intentárão. Amanheceu o dia 19 do mesmo mez, tocando o inimigo arvorada com toda a artilharia, tanto das batarias que tinha em terra, como de uma Não de linha que avizinhou ao Mosteiro de S. Bento, disparando quantidade de ballas, e bombas, não só contra a fortaleza de S. Sebastião, mas avulsas, e sem ponto fixo para toda a Cidade, sem cessar até ás tres horas do dia seguinte 20 de Setembro, sem fazerem mais algum damno, do que ao Mosteiro de S. Bento, que arruinárão, por lhe ficar mais vezinho, e sêr a parte d'onde se pelejou com conhecido damno do inimigo.

§. XI.

Na manhã do mesmo dia chamou o Governador a conselho os Mestres de Campo João de Paiva, Francisco Xavier, Balthazar de Abreu Cardozo Coronel de um Regimento de Ordenança, e o Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamente e Sá, e votando os ditos dois Mestres de Campo, João de Paiva, e Francisco Xavier, que se devia largar a Praça, por dizerem não termos partido com o inimigo, se oppozerão o Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamante, e o Coronel Balthazar de Abreu; mas forão tão mal aceitos os seus votos, que passárão a palavras descompostas o Coronel Balthazar de Abreu Cardozo, e o Mestre de Campo Francisco Xavier; e não se podendo elles concordar em coûsa alguma, mandou o Governador pelas cinco horas da tarde do mesmo dia, lançar um bando pelas trincheiras, que nenhuma pessoa, de qualquer qualidade que fosse, sahisse do seu posto, pena de morte; e tornando a fazer novo Conselho ás sete horas para as oito da noite, depois de haverem votado os Mestres de Campo João de Paiva, e Francisco Xavier, (1) e alguns Capitaes dos seus terços, em que se devia largar a Praça, foi então chamado o Sargento Mór Domingos Henriques, e os Capitaes do seu terço, e pedindo-se a

---

(1) Note-se, que estes dois Mestres de Campo erão os principaes Agentes do Governador.

estes os seus votos, todos a uma vóz responderão, que se não devia largar a Praça, pois não havia ainda causa para isso, antes se conhecia fraqueza no inimigo, o qual naquella tarde se havia retirado para as suas Náos, deixando livre o monte, em que havia estado fortificado; e fazendo-lhe o Sargento Mór Domingos Henriques, e todos os seus Capitaes, e alguns dos outros terços varios requerimentos em nome de V. Mágestada, para que não desemparasse a Praça, remetteu o Governador a decisão deste parecer ao Sargento-Mór de Batalha Gaspar dá Costa, o qual lhe respondeu obrasse na forma do parecer que lhe havia dado por escrito, e sem outra conclusão ficou determinada a resolução do que se havia fazer; e sahindo com isto todos para fóra, mandou o dito Governador por um Ajudante dizer ao Sargento-Mór Domingos Henriques, que se havia conformado com o seu parecer, e que da sua parte agradecesse aos Capitaes do seu terço o zelo, com que havião votado na defesa da Praça de V. Magestade; e passado pouco tempo; que serião dez para as onze horas da noite, lhe mandou outro recado por um Ajudante, que sahisse fóra das trincheiras, e se formasse.

§. XII

Ao Tenente General Antonio Carvalho Lucena mandou o dito Governador, que fôsse correr a Marinha, e vêr a gente se estava toda em seus postos,

e indo com effeito o dito Tenente General, ignorando a cavilação com que se dispunha este negocio, encontrou parte da gente do Regimenta do Coronel Balthazar de Abreu, que se vinha retirando; e mandando-os o dito Lucena tornar para o seu posto, lhe disserão que o Governador os mandáva retirar; disto deu conta o dito Lucena ao mesmo Governador, o qual lhe ordenou, que os formasse, e dando-lhe parte, de que estavão formados, e purguntando-lhe se havião hir á Marinha, lhe respondeu com descompostas palavras, chamando-o de bribante, e o mandou que fôsse para a Marinha, mas deixou ficar com-sigo a gente que mandára formar, e correndo á Marinha o mesmo Tenente General encontrou os outros regimentos, que se vinhão retirando, e querendo-os fazer tornar para os seus postos, dizendo-lhe que advirtissem, que aquillo era traição conhecida, que não desamparassem a Praça, lhe respondeu o Ajudante Manoel de Macedo Pereira, que aquella gente marchava com ordem do Governador; e levando o mesmo Ajudante ordem a Francisco Viegas de Azevedo Tenente Coronel da Nobreza, para que se retirasse, foi este fallar ao Governador, e requerendo-lhe da parte de Deos, e de V. Magestade não largasse a Praça, respondeu-lhe o Governador, que não tinha remedio, por haver já mandado retirar o resto da gente; e dizendo-lhe o dito Viegas (1), que elle se obrigava a

---

(1) Nota Bene.

P

sustentar a Marinha até amanhecer, para então se prover melhor, respondeu o dito Governador, que já era tarde.

§. XIII.

Tendo disto noticia o Padre Antonio Correa, Religioso da Companhia de Jezus, lhe foi fazer uma pratica, expondo-lhe os damnos que se seguião a V. Magestade, e a este Povo de tão inesperada resolução, e não obstante isto, mandou o dito Governador pelo Ajudante Manoel de Macedo Pereira, um recado a Joze Correa de Castro, Governadór que foi de S. Thomé, e nesta occasião tinha a seu cargo a Fortaleza de S. Sebastião, que largasse a dita Fortaleza, e duvidando-o elle fazer a primeira vêz, lhe repetiu segunda ordem, dizendo, convinha assim ao Real Serviço de V. Magestade, e da mesma sorte mandou retirar ao Capitão Manoel Váz Moreno, que duvidando-o fazer, se foi ratificar pessoalmente do seu Sargento Mór Domingos Henriques, que se achava formado no campo fóra da trincheira; e mandando ambos saber do Governador, o que devião fazer, já o não achárão; e îndo em seu seguiménto, sem saberem para onde, (assim como os outros) forão parar, sendo já manhã, no Engenho novo dos Padres da Companhia, tres leguas distantes da Cidade, fazendo mais lastimoso este retiro os Religiosos, mulheres, e meninos, sendo a noite a mais tormentosa de trovões, relampagos, e agoa;

(que parece chorava o Ceo a nossa desgraça) e no mesmo tempo ardião duas moradas de Casas na Cidade, a que dizem se pozéra fôgo para se conseguir melhor o effeito da nossa ruina, sendo uma destas a do Thezoureiro do fisco (1) Salvador Vianna da Rocha, onde se queimárão todas as fardas, e matalotagens, que se achavão feitas para os Judeos prisioneiros, e desta sorte se retirárão todos, deixando quanto tinhão, sem saberem de que, nem por onde, nem haver razão com que se desculpar tão lamentavel successo; porque as ballas do inimigo não tinhão feito mais ruina do que no Mosteiro de S. Bento, e os mortos não chegárão a vinte, sendo os mais delles por dezastres, estando a cidade com bastantes mantimentos, e guarnecida com mais de oito mil homens de armas, se retirou o Governador vergonhosamente, sem deixar polvora, nem balla, nem munições, deixando ao inimigo todos os seus prisioneiros; e a nós chorando sem remedio algum ésta nossa desgraça.

§. XIV.

Não satisfeito o Governador com haver entregue a Cidade, querendo entregar tambem todo o Paîz nas mãos do inimigo, se retirou para o Rio de Agoassu, distante desta Cidade dés leguas; e vendo o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa, o Te-

(1) Nota Bene.

nente General Antonio Carvalho, Bento do Amaral Coutinho, e o Sargento Mór Domingos Henriques (1) o desamparo em que tudo estava, começárão a formar um corpo de tropa para sahir ao encontro do inimigo; mas ao sahir fóra da Praça se achárão sem polvora, nem balla para fazerem operação alguma, e sem os Mestres de Campo, João de Paiva que se havia retirado para a Freguezia de Irajá, Francisco Xavier para Maxambomba, e Martim Correa para Agoassu com o Governador (2). Attendendo a esta falta o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa, e ao zêlo com que se empregava no Real Serviço de V. Magestade Bento do Amaral Coutinho, o provêo no posto do dito Mestre de Campo Francisco Xavier, mandando-o logo que fôsse vêr se estavão ainda as Fortalezas debaixo do dominio de V. Magestade, e se tinhão munições bastantes com que se provêrem os Regimentos; e voltando elle com a noticia de que a Fortaleza de Santa Cruz estava ainda com gente nossa, e a de S. João sem guarnição alguma nossa, nem do inimigo, mas com bastantes munições, quando o dito Bento do Amaral Coutinho dispunha a gente com que havia hir guarnecer a Fortaleza, e mandar vir munições, chegou o Governador, e demorando meio dia ésta diligencia, se achou já a Fortaleza guarnecida pelo

---

(1) Eisaqui os fieis, e honrados.

(2) Nota bene. Eisaqui os Traidores.

inimigo (1); e vindo-se recolhendo Bento do Amaral Coutinho, em distancia já de meia legua da Cidade, achou ao inimigo com tres emboscadas de cem homens cada uma; e investindo a primeira a derrotou, e pôz em fugida; e sahindo a segunda, e terceira o matárão, não levando elle com sigo mais do que vinte homens, por haverem ficado os outros mais atrás; e foi tão estimada a sua morte pelo inimigo, que a chegou a festejar com luminarias, e outras demonstrações publicas; e o grande sentimento de todos estes moradores mais se augmentou pela noticia de que para ésta morte concorreu o mesmo Governador N., e seus parciaes, com avisos ao inimigo (2); e como era já publico sêr elle o instrumento da nossa ruina, tanto que elle Governador chegou, e foi morto Bento do Amaral Coutinho, se forão retirando mais de duas mil pessoas (que já se lhe havião aggregado, e outras que já îão chegando) a esperar pela vinda do Governador das Minas Geraes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; e como chegavão as noticias, de que este se avizinhava, tratou logo o Governador N. de dar ordem á compra da Cidade.

---

(1) Nota bene.

(2) Nota bene.

§ XV.

Para o que intentando capitular com o inimigo, tendo já convocado algumas pessoas suas parciaes, nos mandou uma carta, pedindo lhe quizessemos assistir, por necessitar, então mais que nunca do nosso parecer, e indo com effeito o Vereador Manoel de Souza Coutinho fallar-lhe, e sabendo o fim para que pertendia a nossa assistencia, respondeo-lhe o dito Coutinho, que antes de se ajustar aquelle negocio, era necessario communica-lo com algumas pessoas da governança da terra, para o que era necessario alguns dias, e pediu ao Juiz de Fora Luiz Forte Bustamante e Sá, que na quinta feira, que se contavão 30 de Setembro, se achasse na fazenda do Procurador do Conselho Francisco de Macedo Freire, que fica vizinha, e onde estavão os outros Vereadores, e alguns homens nobres, e se esperava outros, por se não poder aquelle negocio tratar na presença do mesmo Governador, com quem morava o mesmo Juiz de Fóra; com tudo era tão grande o empenho que tinha o dito Governador de concluir a capitulação, que impaciente com a pequena demora de dois dias que se lhe pedião, antes de chegar o dia aprazado, despediu o Mestre de Campo João de Paiva, e o Juiz de Fóra para a Cidade, a fazer os ajustes com o General Francez, sem sêrmos ouvidos, nem se nos assignar têrmo para se determinar naquelle negocio o que fosse mais util ao Serviço de V. Magestade, e destes Moradores.

§. XVI.

E não resultando effeito algum desta primeira vista, mandou o General Francez fallar com o Coronel Francisco do Amaral de Grugel (que havia chegado de Paraty com quinhentos homens á sua custa, e oitenta escravos, a soccorrer esta Praça) quizesse tomar á sua conta o ajuste das Capitulações, e mandando o Coronel Francisco do Amaral noticiar ao Governador ésta commissão que se lhe entregava; e dando-lhe o Governador permissão para fazer os ajustes, se escandalizou de sorte o Mestre de Campo João de Paiva, que logo se começou a queixar, que não era justo que um homem de Paraty viésse concluir um negocio, que elle havia principiado (1); e como havia noticia que o Governador e seus parciaes se tratavão com o inimigo fóra dos estilos militares, suspeitando-se que nessa noite havião alguns avisos, mandou o dito Coronel Francisco do Amaral pôr na estrada uma ronda avançada, de que era Cabo o Capitão Antonio Correa Barboza; este pela meia noite apanhou uma carta do General Francez para o Governador N., remettida por um negro, e com um passaporte, a qual se não abriu, e a remetteu o mesmo Coronel ao Governador.

---

(1) Nota bene.

§. XVII.

E logo na manhã seguinte veio o inimigo á campanha com onze bandeiras, em que vinhão mil e quatrocentos homens pouco mais ou menos (1); e sahindo-lhes ao encontro o Coronel Francisco do Amaral com a sua gente, fêz o inimigo signal de paz, e lhe mandou dizer, que elle não vinha a pelejar, e lhe pedia mandasse suspender as suas armas, porque vinha somente a tratar do resgate da Cidade, e que este ajuste dezejava fazer com elle, para o que sahirîão ambos do corpo da sua gente; ao que lhe

---

(1) Quem jamais se poderá persuadir, que sem toda a certeza da entrega da Praça do Rio de Janeiro se atraverião a sahir dos Portos de França 1400 homens, a conquistar no meio de um novo mundo, na distancia de quazi duas mil leguas, uma Praça, em que se dizia haverem mais de 12000 homens de tropas disciplinadas na Europa; mais de 15000 auxiliares, commandados por Albuquerque, e mais de seis-centos, ou oitocentos homens de tropas Milicianas dos contornos do Rio de Janeiro? E quem jamais poderâ acreditar, que 35000 homens bem armados, e bem disciplinados consentissem desembarcar nas suas praias 14000 homens, e que sem se dar uma batalha, só o aspecto, e a audacia deste mizeravel corpo os fizesse abaixar as armas, e entregarem as suas honras, vidas, e fazendas, e todas as riquezás do Brazil? E foi por estas patranhas, e imposturas, que Mr. Thomaz mereceu o premio do elogio de Du-Guay Trouin seu Heroe? Miseravel França se todos os seus Heróes fôssem desta qualidade, ou se todos os Historiadores da vida, e acçoes dos Heróes da França fôssem tão verdadeiros como Mr. Thomaz!

respondeo o dito Coronel Francisco do Amaral, que elle não podia sahir da companhia dos seus, que como erão montanhezes podião levantar algum motim, que désse a ambos em que cuidar; demais de que semilhantes ajustes não se costumavão fazer debaixo das armas, que para isso não faltaria occasião. Vendo o inimigo que nada concluia com o dito Amaral, mandou outro aviso ao Governador N., o qual não duvidou fazer-lhe a vontade em tudo, sem contradicção alguma. E feitas as Capitulações se retirárão para a Cidade, e forão dados em refens, em quanto se não mandava dar o dinheiro, o Mestre de Campo João de Paiva, e o Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamamante e Sá, e forão juntamente com passaportes, Christovão Pereira, e Joze de Torres, um Amigo, outro criado do Governador N., a tratar com o inimigo a compra de Navios, e muitas fazendas, que havião saqueado, em que entrou o mesmo Mestre de campo João de Paiva, e só as partilhas destes se publicou passarem de quatro centos mil cruzados, querendo por todos os caminhos entregar quanta moeda tinha ésta terra nas maõs do inimigo; e por este, e outros motivos está este Povo certo, que a intrega da Praça foi uma méra negociação

§. XVIII.

Neste tempo em que o Govornador N., e seus parciaes só cuidavão no seu negocio, e a seu exemplo

outro muitos, huns levados da necessidade; e outros da conveniencia, esquecidos da honra, não se differençando no trato mercantil os Francezes dos ditos degenerados Portuguezes, lhes não podemos dar remedio, por nos acharmos impedidos para o recursos, e tendo nós a noticia da chegada do Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o fômos buscar ao Convento dos Religiosos de S. Bento no dito rio de Agnassu, onde lhe fizemos o requerimento que a V. Magestade remettêmos, para vêr.se de algum modo se podia atalhar, que não passasse todo o ouro, e moeda ao inimigo, e se não desencaminhassem as fazendas, e pessoas dos culpados na entrega da Cidade, porque a distancia desta Cidade aos Pés de V. Magestade não permitte outro recurso; e entendemos que de outra sorte não podiamos aquietar este Povo, de modo que se houvesse V. Magestade de dar por mais bem servido.

§. XIX.

Receoso este Povo de que continuando no governo desta Praça o Governador N. padecesse outra insolencia semilhante á presente, tanto á custa da fazenda, como do credito de cada um, attendendo nós á sua conservação, como á importancia do serviço de V Magestade, fizemos ao mesmo Governador Antonio de Albuquerque segundo requerimento, cuja copia remettemos a V. Magestade, e esperamos delle, que em virtude da ordem de V. Magestade de 26 de

Novembro de 1709, continúe no governo desta Pra-
ça até nova Resolução de V. Magestade, a quem
pedimos prostrados aos seus Reaes Pés, ponha os
olhos neste mizeravel Povo, em mandar consultar
para o governo delle pessoas de toda a satisfação,
como tambem Ministro capáz de poder averiguar
os desconcertos da entrega desta Praça, para que
com toda a severidade se castiguem os culpados
nella; pois que de outra sorte terá V. Magestade
sempre arriscada, não somente ésta, mas todas as
mais Praças do Brazil.

§ XX.

Parece-nos precizo lembrar a V. Magestade, que
Duarte Teixeira Chaves vindo a reedificar a nova
Colonia do Sacramento do Rio da Prata, vendeu em
seu proveito ao Castelhano muitas munições, armas,
e outros materiaes que hia a receber, e nesta Cida-
de se houve com tão exhorbitantes negocios, como
consta da rezidencia que delle se tirou, e do Mes-
tre de Campo N., e já terão chegado aos ouvidos
de V. Magestade repetidas queixas deste Povo con-
tra o dito Mestre de Campo N., e seu Irmão N., e seu
Filho N. (1), assim como tambem nessa occasião as
que temos repetido; e o Prior Duarte Teixeira, ainda
sendo um homem Sacerdote, tanto que se entregou

---

(1) Todos estes erão parentes do dito Governador N.

a Cidade, se metteu logo com os inimigos a contratar, e dar-lhe parte de todos os movimentos do Paiz, e foi o primeiro que levou ao inimigo a noticia da chegada do Governador Antonio de Albuquerque, e do soccorro das Minas; e por não perder meio algum de negociação, até dos meios illicitos se valia, chegando a mandar ao inimigo para seu divertimento . . . . , pelo que, attendendo ao serviço de Deos, e de V. Magestade, e quietação deste Povo, pedimos mande recolher desta Praça para esse Reyno toda ésta parentélla, que achando V. Magestade são convenientes para o Real Serviço, melhor o faráõ na assistencia das campanhas á vista de V. Magestade.

§ XXI.

He o que nos pareceo precizo fazer presente a V. Magestade, pela obrigação, e zelo de Vassallos, que tanto dezejão empregar-se no seu Real Serviço; e porque he impossivel expressarem-se mais circunstancias dos particulares, que tém succedido até ao presente, mandamos procurador para que o faça de tudo a V. Magestade, cuja Real Pessoa Deos guarde por muitos, e felizes annos, para amparo de seus Vassallos. Rio, em Camara 28 de Novembro de 1711—Antonio de Albrinos Veiga—Sebastião Martins Coutinho (1) Francisco de Macedo Freire—

(1) Bisavô Paterno do Coronel Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho, actual Administrador do Morgado dos Azeredos Coutinhos do Rio de Janeiro, e Fidalgo Cavalleiro da Casa Real.

Mas porque talvêz se poderá dizer, que a Camara do Rio de Janeiro, pela Conta que deu ao Soberano na sua dita Carta, quiz defender a fraqueza daquelles Habitantes, e imputar toda a culpa ao Governador, que então era daquella Praça, eu vou apresentar a copia da Conta, que deu o mesmo Governador no anno de 1710, em que narrou a verdade dos factos, e de tudo quanto se fêz por ordem delle, mas como nem o Soberano, nem talvêz os seus Ministros tinhão algum conhecimento do local dos combates, e o inimigo então ficou vencido, não se tratou de mais alguma averiguação, e só sim de premiar ao Governador, ao qual se attribuia toda a victoria; e de fazer imprimir na Historia Genealogica da Casa Real de Portugal, aquelle notavel acontecimento, em honra, e louvor do vencedor; mas a quem conhece o local daquella Cidade, e os lugares em que desembarcou o inimigo, e houvêrão os encontros com os Paizanos, he bem facil de vêr, que todas as dipozições, e ordens do dito Governador, ja no anno de 1710, se encaminhavão a entregar aquella Praça ao inimigo, como passo a mostrar por algumas breves reflexões, e notas correspondentes aos lugares da conta que deo o Governador: veja-se o seguinte Capitulo, copiado da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, tomo 8. pag. 97, e seguintes.

No Porto de Brest, no Reyno de França, se preparou com grande segredo uma esquadra, que se com-

punha de cinco navios Navios de guerra, e uma balandra com mil homens de desembarque (1) de Tropas escolhidas com muitas Guardas Marinhas, de que era Cabo Mr. Duclerc, com o destino de darem sobre a Cidade do Rio de Janeiro, e chegando ás suas Costas em 6 de Agosto deste mesmo anno de 1710, foi vista a Esquadra pelas vigias, que o participárão ao Governador N. (2), que com cuidado repartiu os postos, e augmentou a guarnição das Fortalezas; e as da barra avistárão no dia 17 as seis embarcações com bandeiras Inglezas; da Fortaleza de Santa Cruz se lhes fêz signal com uma peça sem balla, a que a Capitania respondeo com outra por sotavento, colhendo a bandeira, e começando a Fortaleza a acanhoa-la, se virão obrigados os Francezes a dar fundo em distancia, que ficassem seguros. Neste tempo entrava uma sumaca da Bahia, e enganando-se com a bandeira Ingleza se foi metter entre os Navios, que a tomárão. No outro dia se fizerão á vella pela parte do Sul, e o Governador mandou guarnecer as Praças da Pescaria, e

---

(1) Esta pequena força de mil homens de desembarque, com que se pertendia conquistar a Praça do Rio de Janeiro no anno de 1710, mostra bem que, ou a dita Praça no anno de 1711, não era tão forte, como a pintou Mr. Thomaz no seu Elogio de Du-Guay Trouin, ou que ja no anno de 1710 estava tratada a entrega daquella Praça a Mr. Duclerc.

(2) Este Governador era a mesmo que governava a Praça do Rio de Janeiro no anno seguinte de 1711.

Pedra, e avisou a Santos, e a Ilha grande para se previnirem: porem os Francezes a 27 fôrão dar fundo na Ilha Grande (1), onde estiverão ancoradas até o ultimo mêz, saqueando algumas fazendas, que defendêrão muito poucos moradores, em quanto tiverão munições de guerra, matando seis Francezes, e ferindo muitos. Depois, já a 5 de Setembro, lançárão gente em terra com seis lanchas na Ilha que chamão da Madeira (2), e com trezentos homens roubárão sem rezistencia um Engenho, em que achárão poucos Escravos. Da Ilha Grande despedirão dois Navios com a balandra, e sumaca, e os que ficárão, chegando-se mais á terra acanhoárão dois dias a Villa com pouco effeito; porque só os Conventos do Carmo, e Santo Antonio receberão algum damno. Governava a Villa o Capitão de Infantaria João Gonsalves Vieira (3), e não tendo mais guarnição que as Ordenanças, e sem embargo de sêr aberta, desprezou as propostas dos Inimigos, e os

(1) A Ilha Grande está ao Sul, distante da Barra do Rio de Janeiro 25 legoas.

(2) E'sta Ilha da Madeira está 17 legoas ao Sul da Barra do Rio de Janeiro.

(3) Por este facto se prova, que os Francezes no anno de 1710, só hião receber o saque do Rio de Janeiro, para o repartirem com os que lhe tinhão já vendido aquella Praça; pois que tinhão levado tão poucas forças, que não podérão tomar a pequena Villa da Ilha Grande, que então se achava aberta, e sem mais guarnição do que a de um Capitão de Infantaria com algumas Ordenanças.

obrigou a retirarem-se, sem mais perda do que a de um Alferes. Os dois Navios que sahîrão com a balandra, e sumaca da Ilha-Grande sondárão a Costa nas praias de Sacopenapan, e da Lagôa, e na noite de 10 intentárão desembarcar, duas legoas distantes da Cidade de S. Sebastião, e tinha ja o Governadôr unida toda a gente, forão rechaçados só pelas Ordenanças (1), que logo o Governador reforçou com dois destacamentos dos Regimentos dos Coroneis, João de Paiva Soto-Maior, (2) e Gregorio de Castro de Moraes; porem quando estes chegárão ja os defensores tinhão obrigado os Inimigos a se retirarem, a quem a aspereza do sitio não favorecia.

No dia seguinte pela manhã chegárão á Barra de Tojuca (3), quatro legoas da Cidade, e á de

---

(1) Note-se que o Governador tinha separado a tropa de Linha das Ordenanças, e que só por estas foi rechaçado o inimigo; o que prova que o inimigo não era muito forte, e que as Ordenanças, compostas de Paizanos se mostravão com valor, e coragem apezar de estarem desemparados da Tropa de Linha.

(2) Note-se que todos estes soccorros erão sempre mandados tarde, e commandados pelo celebre Paiva, que no anno seguinte de 1711, mais concorreo para a entrega daquella Praça. Veja-se a dita Carta da Camara. no 16. § e 17.

(3) Note-se que a barra de Tojuca, onde desembarcou o inimigo em 1710, está distante da Cidade do Rio de Janeiro quatro legoas, e o dito Governador della só teve a noticia do dito desembarque por

Guaratiba quatorze distante: neste districtó, que pela altura dos montes, e pelo tempestuoso dos mares he difficil o desembarque, e estava sem sentinéllas (1) lançarão gente em terra; porem o Governador tendo ésta noticia pelo Capitão de cavallos Joze Ferreira Barreto, a cujo cargo estava a guarnição de Guaratiba até Santa Cruz, observou não poderem sêr mais de mil e duzentos homens, que caminhavão para a Cidade (2.) O Governador conhecendo o terreno aspero com desfiladeiros, e serras altissimas, se contentou com mandar alguns praticos do paiz com pequenas partídas (3) para os embaraçarem, e nos passos estreitos os maltratarem; ordenando ao mesmo tempo ao Tenente-General Engenheiro Jozé Vieira, que com um corpo mais

---

aviso que lhe fêz o Governador de Guaratiba, que está distante do dito lugar do desembarque 14 legoas.

(1) Note-se que a dita barra de Tojuca, onde desembarcárão os Francezes em 1710 se achava sem sentinellas.

(2) Note-se que os Francezes só tinhão mil e duzentos homens de desembarque, sem artilharia, pois não consta que a desembarcassem: ora será crivel, que esta pequena força com as mãos quasi abanando, sahisse seriamente dos portos da França, para ir conquistar a Praça do Rio de Janeiro? Quem não vê que ja no anno de 1710 aquelles poucos homens ião receber o espolio daquella Cidade já vendida, e não a pelejar.

(3) Por este facto se vê, que o dito Governador do Rio de Janeiro tudo fazia, ou mandava, por méro formulario para impôr, e enganar ao Povo, que de nada sabia.

grosso junto das guarnições, que os inimigos deixavão nas costas lhes picasse a retaguarda, e lhes embaraçasse a retirada; mas não pôde executar tudo o que lhe poderia sêr facil, a não o impedir a aspereza do terreno (1). Continuárão os Francezes a marcha, não deixando de vencer muitos embaraços no caminho, e chegárão ao Engenho dos Padres da Companhia, uma legoa distante da Cidade (2). O Governador havendo guarnecido os quarteis do mar, com alguma gente passou com os mais ao campo de N. Senhora do Rosario (3), e se formou em batalha, dispondo tudo em ordem que pudesse disputar aos inimigos o atacarem a Cidade, para onde continuárão a marcha pelo mais alto dos montes, quasi impraticaveis aos mesmos moradores. O Governador mandou destacar trezentos homens (1) do Regi-

---

(1) He digno de notar-se, que os Francezes ainda enjoados de uma tão dilatada viagem de mais de 1500 legoas, e com os pés ainda mal seguros dos balanços do mar, podérão vencer um terreno aspero com desfiladeiros, e serras altissimas, que os praticos do paiz não podérão vencer.

(2) Note-se que os Francezes ião atacar a Cidade pela parte da terra, e o Governador mandou guarnecer os quarteis da parte do mar.

(3) Note-se mais que os Francezes entravão para a Cidade pelo caminho de N. Senhora d'Ajuda, e o Governador se formou em batalha no campo de N. Senhora do Rosario, em parte opposta, e muito distante do inimigo.

(1) Este Crispim da Cunha era Coronel de Milicias, e o dito Governador o mandou com 300 homens oppôr-se a um inimigo

mento do Coronel Crispim da Cunha a occupar o caminho do outeiro de N. Senhora de Desterro, para entrar na Cidade por N. Senhora d'Ajuda, e porque poderião atacar o Forte da Praia Vermelha, (1) mandou ao Coronel João de Paiva Soto-Maior com o seu Regimento, para que neste caso lhe disputasse o caminho, e sendo para a Cidade lhe carregasse a retaguarda, não executando ésta segunda ordem, porque o Official que a levou, a não deu com distincção (2) O Capitão de Cavallos Antonio de Ultra da Silva avançado do campo observava a marcha entre o Desterro, e N. Senhora d'Ajuda. Finalmente foi o primeiro encontro tão valorosamente disputado, que soffrendo um grande fôgo de uma, e outra parte se augmentou este com os tiros de artilharia de balla miúda do Forte de S. Sebastião (3),

---

que atacava com 1200 homens, segundo o aviso que tinha feito o Capitão que guarnecia a Guaratiba: não era isto vontade de sacrificar aquelles pobres paizanos?

(1) He necessario advertir que o Forte da Praia Vermelha he na entrada da barra do Rio de Janeiro, e que N. Senhora do Desterro, e d'Ajuda he já na entrada da Cidade, e pela parte da terra muito distancia do dito Forte, e o dito Governador mandou o seu famoso Paiva guarnecer o dito Forte. eixando livre ao inimigo o caminho que entrava para a Cidade;

(2) Assim havia succeder, porque o dito Paiva, e o Governador bem se entendião; o que se queria era enganar aos habitantes daquella Cidade.

(3) E orque não atiravão com balla grossa? Estes tiros de artilharia com balla miùda do Forte de S. Sebastião, que está no

que estava ao cargo de Joze Correa de Castro, que havia acabado de Governador de S. Thomé, que com valor mostrou bem nesta occasião a sua capacidade.

Os Francezes vendo (1) que o Governador estava postado no seu campo com nova guarnição, e que o Forte da Praia Vermelha estava tão guarnecido de artilharia, que por todas as partes os offendião, intentárão com estranha resolução entrar na Cidade, para capitular dentro em alguma Igreja. Conseguirão este intento ainda que valorosamente lh'o disputou o Tenente General Joze Vieira, que se achava com mui pouca gente por aquella parte (2), formárão-se junto do Convento do Carmo, e não podendo forçar-lhe as portas, já com perda de muita gente pelas ruas, e retaguarda, forão em demanda da Casa dos Governadores, e sendo-lhe por muito tempo defendida a entrada, com mortes de uma e outra parte por uma Companhia de Estudantes (3);

alto do monte do Castello, não podião alcançar os Francezes, que marchavão por entre o Desterro, e N. Senhora d'Ajuda: isto só podia impôr a quem não tinha noticia do local.

(1) He digno de notar-se, que os Francezes vião o Governadôr para fugir delle, e o Governador não via os Francezes para os atacar, e perseguir com a Tropa, que tinha debaixão das suas ordens.

(2) Note-se, que sempre a defeza era feita com pouca gente.

(3) Uma Companhia de Estudantes era a que defendia a Casa dos Governadores, e a que a final aprisionou os Francezes. Per-

mas mettendo-se alguns Francezes no Palacio, e Corpo da Guarda, viérão todos a ficar prisioneiros, e mortos.

Assim que o Governadôr têve noticia (1), que os inimigos entrárão na Cidade, fêz marchar o mestre de Campo Gregorio de Castro com o seu Terço, e por outro parte o Capitão Francisco Xavier de Castro Moraes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acompanhava outro filho seu Alferes, governando este Troço o seu Sargento-Mór Martim Correa de Sá. Chegárão estes Corpos á rua direita, onde ainda os Estudantes embaraçavão os inimigos, e os nossos os atacárão tão rigorosamente, que desamparando o Corpo da Guarda, se retirárão por uma travessa para a parte da praia, e entrárão em um armazem, a que chamão Trapiche, e ainda que se lhe disputou a entrada, ganhárão seis peças de artilharia, que alli estavão para defensa do Rio (2), que já lhe havião no principio feito grande

---

guntará talvez alguem, e que fazia o grosso do Exercito? Note-se que estava debaixo das ordens do Governadôr, que se tinha formado em batalha no Campo de N. Senhora de Rosario, como acima se disse, donde não via o inimigo, e só têve noticia da entrada delle na Cidade depois de já estar prisioneiro dos Estudantes.

(1) Note-se que o Governador se achava em parte tal, que não via nem tinha noticia do inimigo.

(2) Não se pôz artilharia alguma no caminho por onde marchavão os Francezes, nem nas bocas das ruas, e só se pozérão na borda do Rio da parte do mar, quando os Francezes entravão pela parte da terra.

damno, aqui matarão o Mestre de Campo Gregorío de Castro de Moraes com duas ballas, e com outra ferîrão nos peitos, e em uma ilharga com uma baioneta a seu Filho Francisco Xavier, e tambem recebeo algumas feridas o Capitão Joze de Almeida, havendo procedido com valor em toda a occasião.

O Governador intentou pôr fogo ao Armazem; mas como se podia atear ás cazas vizinhas, e se havião recolhido a elle sessenta mulheres, mandou da Ilha das Cobras, e de outras vizinhas conduzir artilharia (1), havendo já feito conduzir algumas peças para as bocas das ruas; mas o Capitão Antonio de Ultra da Silva, que com a Cavallaria havia acudido ao conflicto, querendo diante de todos entrar no armazem, foi morto: o Commandante Duclerc, vendo-se neste aperto determinou capitular, e o Governadôr lhe concedeu só as vidas, se no mesmo instante se rendessem, no que o Commandante veio, ficando prisioneiro de guerra no dia 19 de Setembro do referido anno; porem os Francezes, que marchárão no ultimo Troço experimentárão differente fortuna; porque, havendo marchado por differentes ruas, quasi todos forão mortos: acharão-se os corpos de trezentos, e depois apparecêrão muitos pelos matos e rios, ficando seiscentos prisioneiros

(1) Sim, Senhor, a boas horas.

entre elles duzentos feridos: morrêrão cincoenta dos nossos, e ficárão oitenta feridos; e sendo mais de mil os Francezes, que desembarcárão, não escapou (1) mais do que um negro fugitivo, que lhe havia servido de guia, e levou ésta funesta noticia aos navios, que estavão na Ilha Grande. Depois, a 21 de Setembro, apparecêrão na barra os dois navios, e a balandra, e lançárão seis bombas sem nenhum damno; o seu Commandante Duclerc, com permissão do Governador, lhe mandou participar a fortuna em que estava, e a passárão aos navios que estavão na Ilha Grande. Com ésta noticia suspendêrão as operações com que nos pertendião offender, e depois de restituîrem os vinte e oito prisioneiros, que tinhão tomado na Summaca, e mandarem para terra alguns vestidos dos Francezes, se fizérão á vella para Martinica. Ficárão prisioneiros o Commandante da Esquadra Duclerc, um Coronel Commandante da dos Guardas Marinhas, um Sargento-Mór, um Aide de Campo, o Provedor da Armada, dois Tenentes, um Alferes, sete Guardas Marinhas, onze Cavalleiros, voluntarios, dois Capelães; e feridos e prisioneiros um Coronel, dois Tenentes Coroneis, um Sargento-Mór, seis Capitães, sete Tenentes, dois Alferes, e dois Guardas Marinhas; e mortos um Capitão de artilharia, dois de Granadeiros, um de

---

(1) Escaparião todos se não fossem os Estudantes, e os Paizanos, que andavão dispersos.

Infantaria, outro de Guarda-Marinhas, dois Tenentes de Grandeiros, um de Infantaria, e tres Guardas-Marinhas. Ésta noticia trouxe a Lisbôa o Capitão Francisco Xavier de Castro, a quem El Rey fez mercê do posto de Mestre de Campo, que vagára por seu Pay Gregorio de Castro, e ao Governador seu Thio dêo uma Commenda, e aos mais Officiaes, e Pessoas, que se distinguírão fêz proporcionadas mercês ás suas Pessoas, e Postos.

FIM.

Impresso por L. Thompson,
19, Great St. Helens.